



UNIVERSIDADE D
COIMBRA

António Manuel de Sousa Girão

Avaliação Externa das Escolas

REFLEXÃO SOBRE O NÍVEL DE SATISFAÇÃO E EFEITOS NA PERSPETIVA DOS
PROFESSORES E DAS LIDERANÇAS – ESTUDO DE CASO

VOLUME 1

Dissertação no âmbito do Mestrado em Supervisão Pedagógica e Formação de
Formadores, orientado pelo Professor Doutor Carlos Manuel Folgado Barreira e
apresentada à Faculdade de Psicologia e Ciências da Educação da Universidade de
Coimbra

Fevereiro 2021

Avaliação Externa das Escolas – Reflexão sobre o Nível de Satisfação e Efeitos na perspectiva dos Professores e das Lideranças – estudo de caso

AGRADECIMENTO

Elaborar um trabalho em tempos de pandemia não se tornou uma tarefa fácil, muito mais por razões emocionais do que por outras.

Passei por momentos delicados!

Por isso, pretendo agradecer, de forma muito sensibilizada, a: meu pai e minha mãe que “partiram”, no espaço de dois meses, a meio deste processo; à Anália e à Sílvia que me incentivaram quando “as forças equacionaram continuar” perante as circunstâncias; aos meus alunos que sempre me “ensinaram o caminho da persistência”.

Um agradecimento muito especial a três seres humanos que “encontrei” nesta caminhada, na FPCEUC e que entenderam na perfeição a vontade de um aluno que tinha acabado a sua formação académica há quase quatro décadas e que se teve que adaptar à realidade atual: muito obrigado Doutor Carlos Barreira, Doutora Piedade Vaz-Rebelo e Doutora Graça Bidarra! Muito obrigado!

ÍNDICE

Capítulo I – Enquadramento teórico e ciclos de Avaliação Externa de Escolas em Portugal	9
1.1. Conceito e modalidades de avaliação de escolas	9
1.2. A Avaliação Externa de Escolas em Portugal	13
Capítulo II – Enquadramento contextual do estudo empírico	21
2.1. Contextualização geográfica e social do agrupamento	21
2.2. Agrupamento nos 1º e 2º ciclos de AEE	22
Capítulo III – Metodologia	27
3.1. Objetivo do estudo	27
3.2. Instrumentos e procedimentos	27
3.3. Participantes	28
Capítulo IV – Análise e interpretação de dados	37
4.1. Nível de satisfação dos professores com o processo de AEE	37
4.2. Efeitos sociais da AEE com escolas/agrupamentos, segundo os professores	45
4.3. Respostas ao inquérito por entrevista aos coordenadores	47
4.4. Entrevista à direção	50
4.5. Análise comparativa do nível de satisfação – professores, coordenadores e direção	57
Conclusões	58
Referências bibliográficas	64
Publicações oficiais consultadas	65
Legislação consultada	66
Anexo 1 – Inquérito aos professores	68
Anexo 2 – Guia da entrevista à diretora	81
Anexo 3 – Guião da entrevista aos coordenadores	90

RESUMO

O trabalho aborda a Avaliação Externa das Escolas (AEE), nos seus três Ciclos Avaliativos, um tema bastante atual nos agrupamentos, que tem colocado simultaneamente desafios às escolas e aos próprios avaliadores, uma vez que de ciclo para ciclo tem sido alterado o quadro de referência, a escala de classificação e as equipas de avaliação.

Neste estudo, pretende-se conhecer o nível de satisfação com a AEE e os efeitos globais por ela causados na perspetiva dos professores e das lideranças, quer intermédias, quer de topo. Para isso recorreremos ao inquérito por questionário aos professores, ao *focus group* com os coordenadores e ao inquérito por entrevista à diretora do Agrupamento que foi selecionado para a investigação. Os instrumentos utilizados foram adaptados do projeto de Investigação *Mecanismos de Mudança nas Escolas e na Inspeção num estudo sobre 3.º ciclo de Avaliação Externa de Escolas do Ensino não Superior, em Portugal* (MAEE) - PTDC/CED-EDG/30410/2017.

Assim, pudemos concluir que o nível de satisfação com a AEE depende do cargo desempenhado, sendo maior por parte da direção e dos coordenadores do que com os professores. Relativamente aos efeitos globais da AEE, estes são essencialmente moderados em todos os domínios (autoavaliação, prestação do serviço educativo e resultados), exceto na liderança e gestão onde os efeitos atingem o nível elevado.

Palavras-chave: Avaliação Externa de Escolas; Nível de satisfação; Efeitos globais.

ABSTRACT

The work addresses the External Evaluation of Schools (EES), in its three evaluation cycles, a very current issue in clusters, which has posed challenges to both schools and the evaluators themselves since from cycle to cycle the reference framework, the rating scale, and the evaluation teams have been changed.

In this study, we intend to find out the level of satisfaction and the overall effects of the AEE from the perspective of teachers and leaders, both middle and top. To this end, we used a questionnaire survey with teachers, a focus group with coordinators, and an interview survey with the principal of the school that was selected for the research. The instruments used were adapted from the research project Mechanisms of Change in Schools and Inspection in a study on the 3rd cycle of External Evaluation of Non-Higher Education Schools in Portugal (MAEE) - PTDC/CEDG-EDG/30410/2017.

Thus, we were able to conclude that the level of satisfaction with the AEE depends on the position held, being higher for the directors and coordinators than for the teachers. Regarding the overall effects of the AEE, these are essentially moderate in all domains (self-assessment, educational service provision, and results), except in leadership and management where the effects reach a high level.

Keywords: External Evaluation of Schools; Level of Satisfaction; Overall Effects.

INTRODUÇÃO

Esta Dissertação, sob o título “Avaliação Externa das Escolas – Reflexão sobre o Nível de Satisfação e Efeitos na perspectiva dos Professores e das Lideranças – estudo de caso”, está integrada no Mestrado em Supervisão Pedagógica e Formação de Formadores, ministrado na Faculdade de Psicologia e Ciências da Educação da Universidade de Coimbra.

Nas quase quatro décadas como professor, interrogo-me muitas vezes sobre a inquestionável necessidade de avaliação das escolas e de esta ter começado, em moldes estruturados, há, apenas, pouco mais de uma década.

Para dar resposta a muitas das minhas questões, direciono as leituras para obras de reconhecido valor que me colocam outras questões e me dão as respostas. Refiro-me, por exemplo, à questão “Que impacto e efeitos resultam da avaliação externa, no 1º e 2º ciclos, considerando a melhoria da escola, a participação da comunidade e a implementação de políticas...?” (Pacheco, 2014, p. 11).

É esta a questão central deste trabalho, mas outras surgem, como aquela que é baseada na seguinte afirmação: “Entre os dois ciclos da AEE, o quadro de referência foi substancialmente modificado, com especial destaque para a redução do número de domínios...” (Barreira, Bidarra e Vaz-Rebello, 2026, p. 56). Aqui, levanta-se-me o problema: será que estas alterações são positivas e qual o peso que transportam ou será que todos os agentes diretos do ensino conhecem estas alterações ou, mesmo, o próprio Quadro de Referência?

“Este efeito discursivo da AEE é uma realidade, dado que o modelo determinado pela IGEC foi plenamente aceite pela organização e os seus atores, conhecendo uma aceitação lógica” (Barreira, Bidarra e Vaz-Rebello, 2016, p. 26).

Levantam-se outras questões: será que foi bem aceite? Será que o foi por todos os intervenientes? Como agem as lideranças na transmissão do conhecimento necessário à apresentação da escola no processo da AEE? Como é prestada essa informação e em que quantidade chega aos professores?

Sendo a avaliação externa de escolas um tema abrangente e recorrente em toda a Europa, estamos atentos, também, a questões mais universais, no nosso continente: “Visits to the school are a standard step in the procedures of all countries. Visits are meant to provide evaluations with first-hand evidence of school performance and functioning...” (Assuring Quality in Education – Policies and Approaches to School Evaluation in Europe, Eurydice report, 2015, p. 26).

Será extensível a Portugal esta certeza? Será que estas evidências o serão também?

A resposta a muitas questões com que nos fomos deparando foi sendo cada vez mais necessária.

Encontrámos respostas esclarecedoras nas obras lidas, aprendemos muito sobre conceitos que não dominávamos e acicatou-nos a curiosidade em aplicá-los.

Partimos à descoberta, mas com bases que sustentem as nossas dúvidas e com expetativas de resposta.

Com o conhecimento que tenho do agrupamento e fazendo parte da sua história e da sua cultura, já enraizada entre a comunidade educativa, decidi iniciar o caso de estudo com a colaboração dos meus colegas (embora eu já não esteja no agrupamento há dez anos) e da diretora.

A população docente colaborou na totalidade, todos os coordenadores participaram, também e, anexo às entrevistas, decidiram fazer uma reunião, para clarificação de alguma dúvida que persistisse.

A metodologia utilizada é a entrevista e o questionário.

Esta Dissertação está dividida em quatro capítulos: Capítulo I – Avaliação Externa de Escolas em Portugal; Capítulo II – Enquadramento contextual do estudo empírico; Capítulo III – Metodologia; Capítulo IV – Análise e interpretação de dados.

CAPÍTULO I – Avaliação Externa de Escolas em Portugal

1.1 Conceito e modalidades de avaliação de escolas

Iniciamos a revisão de literatura sobre a definição/significado de avaliar, a fim de fazermos uma abordagem ao conceito e à sua aplicação no contexto de avaliação de escolas. Então, avaliar as escolas será calcular, através de procedimentos criteriosos, o seu valor e o mérito que tem perante a comunidade a quem presta um serviço indispensável. Por esta indispensabilidade, todos os fatores que concorrem para uma sociedade mais equilibrada e mais produtiva irão ser avaliados, como forma de se lhes dar continuidade ou corrigir o que não estiver totalmente de acordo com as normas previstas.

Avaliar – significado Priberam – calcular, determinar ou estimar o valor de algo; analisar ou ajuizar o mérito ou a importância. Indo um pouco mais além, no plano gramatical, a transitividade do verbo avaliar transporta a questão: avaliar o quê? É o que veremos: o que se avalia, como se avalia e para que se avalia.

“Stufflebeam (2003, p. 38) e Stake (2006, p. 23) defendem que é possível proceder a uma avaliação sem a necessidade de existir uma teoria, contrapondo-lhe o conhecimento profissional...fundamental na busca de uma razoabilidade argumentativa. Porém, se a teoria pressupõe a existência de uma linguagem comum, suportada por conhecimento de base, sendo...uma atividade humana, uma interação social que requer um , juízo político-moral, há a necessidade de serem referenciados alguns elementos para uma teoria mínima do ato de avaliar...dos seus significados, dos seus atores e das suas metodologias” (Sobrinho 2003, citado por Pacheco 2014, p. 17).

Esta citação de Pacheco remeto-nos para a dinâmica da avaliação assente no conhecimento profissional de muitos anos de rotinas, contudo, preconizando a necessidade de teorização para reconhecer como válida a avaliação de uma estrutura que terá particularidades provenientes da sua localização geográfica, da individualidade dos seus agentes e das propostas que pretende implementar, como resposta às necessidades dos agentes que ajuda a formar. Por outro lado, ou complementarmente, “preferem utilizar o termo programação ao de teoria...mais associado à natureza da avaliação, exigindo a consideração das práticas, das abordagens de intervenção e das políticas. ...pode ser dito que as teorias de avaliação prescritivas estão direcionadas para a

medição de resultados e para a melhoria da prática” (Donaldson & Lipsey, 2007, citados por Pacheco 2014, p. 18)

A teoria mencionada no parágrafo anterior, assente na monitorização de performance avalia a funcionalidade através dos resultados pressupostos, pelas respostas às questões: “O que fazemos bem e como podemos fazer mais daquilo que fazemos bem?” (Rogers & Williams, 2007, p. 85, citados por Pacheco 2014, p. 18).

Segundo Pacheco (2014, p. 18) os autores referidos “reconhecem que a motivação aumenta quanto mais se estiver focada na melhoria de resultados do que na resolução de problemas”.

Pelo exposto, fomenta-se o conceito da avaliação das escolas assente na autoavaliação reflexiva, com objetivos bem vinculados, na recolha de “dados para informar o público, os decisores, os contribuintes, os utilizadores dos serviços e outras partes interessadas sobre o valor das políticas, dos programas das intervenções e outras medidas governamentais ao nível do seu impacto no estado de coisas da sociedade” (Davies, Newcomer & Soydan, 2007, citados por Pacheco, 2014, p. 18).

De acordo com Pacheco (2014, p. 17), “Pela sua pertinência e acuidade problemática, sobretudo em tempos duma globalização de standards a todos os níveis de educação e formação, a avaliação externa não tem deixado de suscitar abordagens diferentes...”

A complexidade de um sistema que engloba “questões sociais e valores culturais...dilemas pessoais e programáticos” (Stake, 2006, p. 23), sistemas de gestão de dinheiros públicos, impactos sociais à entrada e à saída da escola que poderão provocar discrepâncias nos processos de aprendizagem, fatores ligados a diversidades regionais, embora num país geograficamente pequeno, mas onde ainda se nota a diferença entre o interior e o litoral, o norte e o sul, as zonas urbanas e as zonas rurais, terá que “...serem referenciados alguns elementos para uma teoria mínima do ato de avaliar, seja a plurirreferencialidade dos seus significados, dos seus atores e das suas metodologias, seja a complexidade do seu campo de intervenção” (Sobrinho, 2003, citado por Pacheco, 2014, p. 17).

Várias teorias de avaliação são equacionadas, focando-nos, neste trabalho na utilizada, após as ponderações: “programa de avaliação prescritiva alicerçada na monitorização da performance” (Rogers & Williams, 2007, citados por Pacheco 2014, p. 18) e que se centram nos resultados obtidos e na forma de os manter ou melhorar. Fruto da condição humana, a focalização em resultados induz a mais motivação e originalidade, com a conseqüente e já referida melhoria de resultados e estabelecimento de objetivos mais além dos designados à partida.

Outro dos problemas a resolver é a observação e distinção do que é real ou aparente, pela facilidade que há em “viciar” dados para observação, seja por interesse de políticas, neste caso educativas, seja pela necessidade de demonstração de eficácia das práticas que não eram questionadas, pela convicção dos seus atores, tendo a avaliação um pressuposto “recolher dados para informar o público, os decisores, os contribuintes, os utilizadores dos serviços e outros grupos de interesse sobre o valor das políticas, dos programas, das intervenções e outras medidas governamentais ao nível do seu impacto no estado de coisas da sociedade” (Davies, Newcomer & Soydan, 2007, p. 165).

A consecução destes objetivos é materializada de duas formas: a avaliação interna que é formativa e a externa, de forma sumativa, “com tendência para a afirmação desta sobre aquela, já que a exigência de prestação de contas requer da escola a demonstração do mérito e da eficiência alcançados nas diferentes dimensões...” (Pacheco, 2014, p. 19).

“A avaliação interna e a avaliação externa são ambas importantes, mas nenhuma pode existir por si só”. (Nevo, 2007, p. 457).

Este conceito fundamenta-se na complementaridade de ambos os processos de avaliação das escolas, pela tendência a tornar-se simplista da avaliação externa e a carregar o peso e a pouca eficácia da burocracia. Então, terá que servir “como incentivo para melhorar a qualidade das atividades de avaliação interna das escolas...sugerir os seus próprios critérios de avaliação em desafio aos critérios externos/nacionais”. (Nevo, 2007, p. 457).

Neste contexto, surge a autoavaliação como obrigatória, embora se venha a verificar, nos seus primórdios, problemas de operacionalização, como estando especialmente vocacionada para levar só à “correção de situações problemáticas detetadas”. (Conselho Nacional de Educação - CNE, 2010, p. 5).

A avaliação como prestação de contas cifra-se ao nível dos imprescindíveis resultados dos alunos, da forma como a escola interage com a sociedade envolvente, o desempenho do quadro docente, técnico auxiliar e administrativo, a gestão e articulação curricular, o aproveitamento de espaço e da gestão financeira. São, estes, os parâmetros de resposta e que são do interesse do indagador e do respondente, num leque alargado de funções: estado; encarregados de educação, sociedade comum ou estruturas hierárquicas de poder.

A avaliação externa terá efeitos mais rápidos, pela interiorização dos resultados nos seus agentes, nos planos curricular, pedagógico e organizacional, como se depreende no estudo realizado por

(Veloso, 2013, p. 180), reconhecendo-se que “entre os dirigentes, domina a percepção de que a avaliação externa teve impacto positivo na sua organização”.

Os resultados obtidos pela escola são de importância vital, embora haja “...pouca evidência empírica desses efeitos na melhoria da escola”, (Ozga, 2009, citado por Pacheco, 2014, p. 19) contrariando outros dados: “...a avaliação externa de escolas tem diferentes impactos nas escolas e que certas condições se associam ao facto de a escola aceitar o feedback da avaliação externa...” (citado por Organização para a Cooperação e Desenvolvimento Económico – OCDE - 2013, p. 288).

O impacto que a avaliação tem nas escolas, numa análise interna e objetiva, feita por quem está atento a todo o processo e o entende como necessário e fundamental é inquestionável, embora não possa ser a bitola que atestará este facto, seja pela retificação de práticas e/ou implementação de outras mais efetivas no alcançar dos objetivos a que esta se propõe ou pelos resultados expressos qualitativamente nas avaliações internas e externas de alunos. Como agentes de ensino que passámos por várias fases, quer como professores, quer como alunos, verificámos os muitos aspetos positivos da avaliação de escolas nos resultados dos alunos, nos conceitos que se alteraram quanto à inclusão e na relação da escola com a comunidade.

Os objetivos da avaliação de escolas vão desde assumir-se como forma de promoção de um ensino de qualidade, até fornecer informação sobre conhecimentos adquiridos em projetos internacionais, passando pela credibilidade e valorização, quer dos membros ativos do ensino, quer dos processos utilizados quer, ainda, da boa utilização dos dinheiros públicos a favor do ensino. Tudo será avaliado e todos os resultados serão dados a conhecer, a fim de se combater o que poderá ser menos positivo e majorar o que contribui para a excelência da educação e do ensino. A avaliação deixa de ser um mero ato inspetivo, para ter uma forte componente de análise, de pesquisa, de tratamento de dados e pedagógica, sempre a favor de um ensino qualificado e qualificador. Qualificado nos seus agentes e nos procedimentos e qualificador dos seus utentes primordiais: os alunos. Um país livre, próspero e interventivo na comunidade internacional, só o poderá ser se os seus cidadãos forem pessoas informadas, conscientes do seu posicionamento social e da necessidade de contribuírem para uma sociedade melhor.

Tudo isto se pode aprender na escola, tudo isto terá muito mais qualidade se for escrutinado com rigor e método. São estes os pressupostos na Lei de Bases do Sistema Educativo, no Sistema de Avaliação da Educação e do Ensino não Superior e, posteriormente, avaliado pela Avaliação Externa das Escolas.

Quem avalia / o que avalia é a Inspeção Geral da Educação e Ciência (IGEC) que procede à AEE, inserida nas suas “intervenções sistemáticas”, tal como as descrevem e que exigem “programação prévia”, a fim de fazer “a promoção de níveis mais elevados na qualidade das aprendizagens, nos modelos e nos processos de gestão”, avaliando o “funcionamento do sistema educativo no âmbito da educação pré-escolar, dos ensinos básico, secundário e superior, incluindo os serviços da ação social, da educação extraescolar, da ciência e tecnologia, bem como dos serviços e organismos do Ministério da Educação e Ciência” (- por atribuição, através do Dec. Lei n.º 125/2011, artigo 11, do Diário da República n.º 249 de 29/12/2011)

A AEE concorre para o desenvolvimento das escolas, pela melhoria dos processos de ensino e de aprendizagem e dos respetivos resultados, fazendo o incentivo à autoavaliação e à responsabilidade social, na interação entre a escola e o meio que a envolve. A AEE fará a aferição da atuação pedagógica e didática, os atos administrativos e de gestão, as aprendizagens, os níveis de sucesso, o cumprimento de objetivos, a participação da comunidade, a formação dos docentes, a utilização das estruturas físicas e dos equipamentos, a ligação entre as escolas e as autarquias e empresas.

Todos os agentes de ensino são avaliados, os processos são avaliados, a escola é avaliada como um todo, é avaliada nas suas estruturas organizativas, as do topo da hierarquia, as chefias intermédias, os professores que têm como função exclusiva ministrar as aulas e os técnicos auxiliares. A expressão “agentes de ensino” justifica plenamente esta envolvimento da avaliação: todos agem a favor do ensino, todos são avaliados.

1.2 A Avaliação Externa de Escolas em Portugal

“O modelo português de avaliação externa de escolas é um instrumento formativo de avaliação da qualidade escolar” (Leite & Pacheco, 2010; Simões, 2011, citados por Pacheco, 2014, p. 23), “... numa integração da perspectiva organizacional, curricular e pedagógica...” (Pacheco, 2014, p. 23), pela análise dos resultados dos alunos, da prestação do serviço educativo e da liderança e gestão, focando-se no currículo, nas práticas de ensino e avaliativas, a visão estratégica existente, a sua eficácia, a gestão dos recursos materiais e de pessoal, a ligação das escolas com o meio.

A evolução dos resultados nos três ciclos avaliativos prende-se, entre outros fatores que abordaremos noutra capítulo, centra-se na indicação dos pontos fortes e dos pontos fracos e dos constrangimentos, evoluindo para pontos fortes e pontos fracos, fruto da adaptação das mudanças de práticas que implicam a anulação dos constrangimentos.

O relatório da OCDE sobre o 1º ciclo avaliativo e expressas em (Pacheco, 2014, p. 23 e 24) conclui que “A avaliação externa de escolas está a tornar-se bem estabelecida, mas a cultura de avaliação e melhoria necessita de ser reforçada; o modelo de avaliação externa de escolas incorpora um conjunto de características de boas práticas, mas foca-se insuficientemente no ensino e na aprendizagem; a autoavaliação de escolas necessita de ser reforçada”.

Foi assim que se procedeu à remodelação do sistema, passando-se do primeiro ciclo para o 2º ciclo de Avaliação Externa de Escolas (AEE) e, posteriormente, ao 3º ciclo, aquele que está a vigorar atualmente.

No primeiro ciclo, que decorreu entre 2006 e 2011, o grupo baseou-se, para o seu desenvolvimento, em experiências nacionais e internacionais, sendo particularmente relevante referir a Avaliação Integrada, desenvolvida pela Inspeção-Geral da Educação (IGE) nos anos de 1999 a 2002, a metodologia proposta pela European Foundation for Quality Management (EFQM) e, finalmente, a metodologia desenvolvida no projeto “How Good is Our School” da Escócia.

O QR será do conhecimento das escolas de forma prévia, informando em pormenor o que irá ser avaliado e como será avaliado, nos 5 domínios previstos: Resultados; Prestação do Serviço Educativo; Organização e Gestão Escolar; Liderança; e Capacidade de Autorregulação e Progresso/Melhoria da Escola. Para que esta avaliação fosse criteriosa estabeleceram-se 19 fatores de análise.

O resultado da avaliação está expresso numa escala avaliativa com 4 níveis de classificação: Insuficiente; Suficiente; Bom e Muito Bom, sendo de realçar o balanço entre pontos fortes e fracos e caráter generalizado das mudanças desenvolvidas em cada organização escolar.

A informação referida e prestada às escolas assentava num guião referindo todo o processo e esquema organizativo. Também a formação aos avaliadores foi cuidada, com reuniões agendadas para o efeito, sendo outras com as direções das escolas envolvidas, onde foi dado a conhecer todo o processo.

Para que a avaliação se iniciasse, o Grupo de Trabalho solicitava às escolas a documentação necessária: Relatórios de Avaliação da IGEC; Regulamento Interno; Projeto Educativo; Plano Anual de Atividades 2004/2005; Relatório de Avaliação final do Plano de Atividades 2004/2005; Plano Anual de Atividades 2005/2006; Descrição de projetos desenvolvidos; e Descrição de projetos nacionais e internacionais em que cada escola participa; Descrição de formações - (PIEF, EFA, Currículos Alternativos...)

Seguia-se a visita à escola com um programa de trabalho detalhado e elaboração do relatório. Após enviado o Relatório de Avaliação à escola, esta analisava-o, com a participação de todos os envolvidos e transmitia os resultados da análise ao Grupo de Trabalho, através do Contraditório com base numa análise crítica, pela escola, ao Relatório.

O modelo de autoavaliação das escolas não foi uniformizado, assente nos aspetos próprios de cada comunidade educativa e, porque a evolução que vão sofrendo, de adaptação à realidade de cultura da escola que avaliam, implica que possam seguir métodos e processos diversos. Não obstante, há pontos que são comuns: os resultados dos alunos na sua análise; o ambiente educativo e os recursos, a organização e a gestão, centrando-se em avaliações mais qualitativas e complementares à AEE do que fonte primeira de análise e de referência, como tinha sido até então.

Os documentos identificativos das escolas e toda a informação que contêm, nas diversas vertentes, serão o ponto de partida para uma avaliação eficaz, por conterem dados sem os quais não se poderá aquilatar da verdadeira realidade de cada escola, das suas realizações, das suas necessidades e dos processos para os conseguir.

Todos os dados adquiridos através da AEE devem ficar numa base de dados, dando origem ao programa “Estatísticas da Educação” que os avaliadores poderão consultar para novas avaliações. Estes dados não serão só os das avaliações mas, também outros, de ordem social, económica e comportamental. No que respeita a resultados quantitativos, de exames nacionais, de provas de aferição, também serão tidos em conta, pelo carácter universal dentro do país, o que permite a comparação entre escolas e entre regiões, pela objetividade que encerram.

Fomentou-se a ideia da voluntariedade das escolas em serem avaliadas, mesmo tendo a AEE carácter de obrigatoriedade.

No 2º Ciclo de Avaliação Externa das Escolas, que decorreu entre 2012 e 2017, pensar-se-ia como uma grande evolução do 1º Ciclo, mas não se nota essa característica, tendo mesmo um Quadro de Referência mais limitado, não variando significativamente a Escala de Avaliação que compreende, apenas o nível de Excelente, a mais do que o anterior.

Passou a ter cinco níveis: Excelente; Muito Bom; Bom; Suficiente e Insuficiente. Não entrando numa análise exaustiva, os descritores referentes aos níveis citados reportam-se à ação que a escola produziu com impacto na melhoria dos resultados escolares e nos resultados dos seus percursos. As práticas são a fonte de análise, na sua consolidação, generalização e eficácia.

Os objetivos deste 2º ciclo de avaliação são: promover o progresso das aprendizagens; incrementar a responsabilização a todos os níveis; fomentar a participação, contribuir para a regulação da educação e para validar as práticas de autoavaliação desenvolvidas pelas escolas.

O quadro de referência é constituído por três domínios: Resultados; Prestação do Serviço Educativo e Liderança e Gestão.

O domínio Resultados inclui os resultados académicos, a sua evolução, a qualidade de sucesso e abandono escolar, os resultados sociais, visando a participação, a disciplina, a solidariedade e o impacto no progresso dos alunos. A forma como a sociedade valoriza os resultados, a satisfação que demonstra, alicerçada na observação do sucesso dos alunos e o posicionamento positivo da escola no desenvolvimento social.

O domínio Prestação do Serviço Educativo foca-se na forma de planear e articular o ensino e na supervisão e avaliação das aprendizagens realizadas.

O domínio Liderança e Gestão inclui como campos de análise a Liderança, onde se avalia a visão estratégica, a valorização das lideranças intermédias, a motivação das pessoas; a Gestão presta especial importância aos critérios e práticas de organização e afetação de recursos, à avaliação de desempenho e à eficácia dos circuitos de informação e comunicação interna e externa, e também a Autoavaliação.

O terceiro ciclo de Avaliação Externa das Escolas (AEE), que está atualmente a decorrer e que começou com o estudo piloto no ano letivo de 2017/18, tem um âmbito mais alargado do que os dois anteriores, abrangendo todos os estabelecimentos de ensino público, não descurando o ensino artístico, as escolas profissionais, mesmo as privadas e os estabelecimentos de ensino particular e cooperativo, tenham eles contrato de associação ou sejam cooperativos com receitas primordialmente adquiridas de fonte pública.

Os princípios que delineiam a AEE são a universalidade, pelo leque tipológico alargado de tudo o que seja ensino não superior, a flexibilidade, quando se adapta a todos esses tipos de estabelecimento, o respeito pela autonomia e pelo projeto educativo, a utilidade, enquanto contributo para majorar a prestação do serviço, a complementaridade entre a avaliação externa e a avaliação interna, promovendo a autoavaliação como forma de desenvolvimento, o envolvimento e a participação de toda a envolvente à escola, indo sensibilizar a comunidade para aumentar o seu papel perante o ensino que lhe traz mais- valias muito importantes.

Igualmente, faz a promoção da qualidade do ensino, por novas aprendizagens e pela inclusão. A identificação dos pontos fortes e menos bons ou, mesmo nefastos, a aferição das práticas de

avaliação, a promoção da cultura regional e o contributo para o conhecimento e reconhecimento das práticas de qualidade e a produção de informação para novas tomadas de decisão.

O terceiro ciclo de Avaliação Externa das Escolas tem uma evolução face aos dois anteriores, ao enquadrar todos os estabelecimentos de ensino não superior, avaliando-os a todos de forma igual, com os mesmos procedimentos, os mesmos objetivos e a mesma parceria de conceitos, focando-se na evolução pela análise dos resultados. Para um ensino que se pretende que produza os mesmos efeitos na sociedade, será legítimo pensar e operacionalizar uma mesma avaliação. Sejam escolas do 2º ciclo, do 3º ciclo, do ensino secundário, não sectorizando categorias. Numa dedução lógica, se se pretende que o ensino seja a forma primordial, primeira e mais importante, de evolução de uma sociedade, seja ela mais abrangente, como um país, neste caso Portugal, seja uma região alargada ou uma comunidade, todos os modelos de ensino devem propor os mesmos objetivos, embora o possam fazer por processos diferentes, mas complementares. O ensino regular, o ensino artístico ou o profissional, as escolas públicas, as privadas com contrato de associação ou cooperativas, todas terão como base a “entrega “ à sociedade de jovens cidadãos capazes de pensar, de agir e de procurar a consolidação dos seus conhecimentos ou o seu alargamento. O modelo que seguem para o conseguir é diverso, como diferentes serão os jovens cidadãos que procuram as diferentes escolas, se assim lhes poderemos chamar, ou se devemos observá-las como a resposta à diversidade do público que as procura, inicialmente por indicação das famílias ou, mais tarde, já como vontade própria.

Um jovem que pretenda ingressar no 2º ciclo pela via do ensino articulado, porque tem apetência para a música e/ou porque frequenta uma instituição que lhe proporciona essa possibilidade, terá que ter esta resposta na escola pública ou na privada, em que o modelo de avaliação seja o mesmo, pois ele irá contribuir para a sociedade com os mesmos princípios básicos necessários à segurança dessa sociedade, porque terá mais um cidadão bem formado, capaz nas suas competências e suficientemente esclarecido para ser interventivo. Essas competências, pela aquisição de conhecimentos científicos ou sociais deverão ser semelhantes, na sua base, em todos os modelos de ensino. A avaliação, então, terá que ser a mesma, pois é conducente à melhoria de práticas, à manutenção das que se entendam como boas ou à revisão e respetiva substituição das que não produzam os efeitos desejados, sem que os resultados sejam vistos como atitudes inspetivas, mas como parcerias entre todos os envolvidos: avaliadores e avaliados. Quanto mais não seja, porque os avaliados são avaliadores e, quanto melhor e mais transparentemente forem avaliados, tanto mais sentirão a necessidade de refletir sobre os resultados, para se tornarem ainda melhores prestadores do serviço que é, indubitavelmente, o moldador da sociedade em que vivem e dos objetivos que têm para a mesma.

Depreende-se que esta avaliação é uma parte muito importante do processo e a forma de o tornar cada vez melhor, sem receios de desequilíbrios, pelo facto de haver uma avaliação com os mesmos princípios e com o mesmo âmbito de atuação.

Num mundo cada vez mais globalizado onde a qualidade de tudo é escrutinado quase em tempo real, temos que estar preparados para esta realidade que poderá ser nefasta, não no seu objetivo, mas na forma como poderá ser encarada. Ainda se confunde avaliação como controlo, na perspetiva mais negativa da palavra: controlar para castigar. A avaliação não é nada disso! É a forma de perceber o estado dos procedimentos para os melhorar quando não correspondem ao desejado ou para os melhorar como evolução normal. Avaliar para progredir.

Pensamos que a AEE é isso mesmo: avaliar para progredir e, só assim poderá ser entendida. Incluir todas as crianças, tornar todas as crianças seres com as mesmas possibilidades, quando estas lhes são negadas à nascença, literalmente, porque as suas capacidades físicas ou intelectuais nascem diminuídas, incluir os pequenos cidadãos que pertencem a famílias desprotegidas nos planos social, económico, religioso ou racial, é o objetivo primeiro desta AEE. Não a principal, mas primeira, pois todas são igualmente importantes.

Para a apresentação, a escola faz um texto de apresentação à equipa de avaliação com os resultados de anteriores avaliações e as medidas tomadas face aos mesmos.

A escala de classificação inclui cinco níveis: Excelente, Muito Bom, Bom, Suficiente e Insuficiente e é atribuída tendo em conta a existência de pontos fortes em grande maioria, através de processos inovadores, sem carência em qualquer área, e de resultados considerados sustentados e notáveis.

A metodologia aplicada baseia-se nos processos mais usuais de avaliação, como Questionários de Satisfação a alunos e encarregados de educação, docentes e pessoal não docente, Análise Documental, Análise Estatística de resultados escolares e sociais, Observação da Prática Letiva, Observação Direta de toda a estrutura física da escola e de comportamentos e Entrevistas de Grupo (a membros representativos).

A equipa de avaliação é formada por dois inspetores e dois especialistas externos, pertencentes ao ensino superior, como professores ou investigadores.

Numa fase anterior à visita, é realizada a observação da prática educativa e letiva numa multiplicidade de turmas heterogéneas quanto aos resultados e aos anos de escolaridade, bem como ao tipo de ensino. Marca-se um par de dias antes e focaliza-se nas componentes pedagógica, competências trabalhadas e inclusão.

A duração da visita, varia no intervalo de 3 a 5 dias, consoante a dimensão da escola, existindo assim várias agendas para a AEE.

A sessão de apresentação é feita pelo diretor, docentes, discentes, trabalhadores administrativos e operacionais, EE e entidades com parcerias, se for o caso.

No relatório de avaliação constam evidências e juízos avaliativos referentes a todos os campos analisados, os pontos fortes e fracos, as áreas de melhoria e, a escola tem 15 dias para apresentar um contraditório que será analisado face à avaliação final.

As escolas deverão ser avaliadas uma vez por cada ciclo de avaliação, havendo lugar a avaliação intercalar se tal for necessário, para aquilatar a progressão dos processos de melhoria ou em caso de manifesta degradação do serviço educativo, expresso, por exemplo, nos resultados das avaliações interna e externa.

O Quadro de Referência (QR) inclui quatro domínios: 1. Autoavaliação; 2. Liderança e Gestão; 3. Prestação do Serviço Educativo e 4. Resultados e doze campos de análise: desenvolvimento; consistência e impacto; visão e estratégia; liderança; gestão; desenvolvimento pessoal e bem-estar das crianças e dos adultos; oferta educativa e gestão curricular; área de ensino, formas de aprendizagem e respetiva avaliação; planificação e acompanhamento da prática educativa e letiva; resultados académicos; resultados sociais e reconhecimento da comunidade.

Na operacionalização dos Campos de Análise, para que se coloque em prática a análise dos campos referidos, preconizam-se Referentes e Indicadores, assentes em documentação interna e que, dada a sua dimensão em quantidade, capazes de proporcionar uma avaliação objetiva, fundamentada e útil no desenvolvimento e melhoria das práticas educativas e organizacionais, assentes nos vários domínios observados.

Numa análise Comparativa dos 3 Ciclos de Avaliação, existem aspetos a considerar, nomeadamente a estrutura, a escala de Avaliação e o quadro de Referência, embora entre si tenham diferenças que se cifram, não só na nomenclatura utilizada, mas também nas alterações introduzidas de modo a clarificar e a especificar algumas situações.

A escala de classificação do 1º para o 2º ciclo, a introdução da menção de Excelente, passando a existir, conseqüentemente cinco níveis de classificação. No 3º ciclo, os níveis mantêm-se iguais ao 2º.

Relativamente ao Quadro de Referência no 1º Ciclo de Avaliação, o Quadro de Referência está estruturado de modo a permitir uma avaliação objetiva, pormenorizada e sem dúvidas, pela existência de perguntas ilustrativas, referentes e indicadores de análise.

As perguntas pré-estabelecidas conduzem a objetivos claros, designados sob a forma de referentes. São perguntas diretas, de estrutura fechada, em que os indicadores, são guias para que as respostas sejam uniformizadas, quanto ao texto, em todas as escolas, não sendo, obviamente, condicionadoras da resposta. Apenas são a estrutura base para as respostas, formando um esquema lógico de sequência para facilitar a análise das mesmas. O leque de indicadores abrange todas as atividades existentes no ensino e previstas nos quatro domínios.

O Quadro de Referência do segundo ciclo é simplificado, assente em quatro objetivos e num campo que abrange os domínios, os campos de análise e os referentes. Estes são condensados, de modo a agilizar o texto dos resultados da avaliação, mas não a tornando tão eficaz como a do 1º Ciclo que se mostra mais exato.

No terceiro ciclo há uma reorganização da estrutura, seja na forma, seja no conteúdo. Voltamos a um esquema formal mais parecido com o do 1º Ciclo, mas com diferenças, onde são acrescentados, de forma muito esclarecedora, o âmbito, princípios e objetivos.

O quadro de referência, também em tudo semelhante ao do 1º Ciclo, variando a nomenclatura, que agora é: domínios; campos de análise; referentes e indicadores. É, pois, um regresso ao 1º Ciclo, mas com melhorias e atualizações relativamente às políticas educativas.

CAPÍTULO II – Enquadramento contextual do estudo empírico

2.1.Contextualização geográfica e social do Agrupamento

“Ninguém caminha sem aprender a caminhar, sem aprender a fazer o caminho caminhando, refazendo e retocando o sonho pelo qual se pôs a caminhar.”

Paulo Freire

Nota prévia - como forma de preservar a identidade do agrupamento onde realizámos o estudo empírico, decidimos chamar-lhe Agrupamento Vila Bonita (AVB).

Situa-se entre os pinhais do interior e o litoral, inserido entre a parte antiga de uma vila rural, com fortes indícios e factos de vir a transformar-se num centro industrial, de fábricas ligadas à indústria pesada metalo-mecânica. Acaba a vila e começa a indústria que a sustenta, estando a sede do agrupamento de permeio, numa metáfora perfeita de transição entre a comunidade, a educação e ensino e a indústria transformadora, expectante de jovens capacitados para a intervenção preponderantemente enriquecedora do meio envolvente. A escola, aqui, é a charneira física entre a população e a tecnologia que está ansiosa por receber os “filhos da terra”, de modo a estes provocarem progresso e aquela a recebê-los “de braços abertos”.

Há lugares perfeitos para uma escola!

Há alunos perfeitos para estarem numa escola, há lideranças perfeitas para a evolução de um projeto e há gestores perfeitos para recolherem os jovens que se dedicam à sua missão de aprender?!

A zona centro de Portugal é o ponto de equilíbrio geográfico para nos situarmos num estudo.

O AVB foi criado há duas dezenas de anos, corria o ano letivo 1998-1999. Hoje, é composto por cinco jardins de infância, 10 escolas do 1º ciclo e uma escola de 2º e 3º ciclo (escola sede). A população escolar, proveniente de famílias predominantemente trabalhadoras na indústria circundante e serviços, bem como uma já elevada percentagem de quadros superiores que exercem profissões de gestão, professores, enfermeiros e quadros técnicos. É uma população escolar bastante heterogénea, perfeitamente miscigenada e equilibrada, fruto de uma cultura de escola muito interessante. O número de crianças/alunos é de 677 no seu total, sendo 156 do pré-

escolar, 217 do 1º ciclo, 115 do 2º ciclo e 189 do 3º ciclo. Sendo assim, na escola sede (2º e 3º ciclo), temos 304 alunos

Exercem a sua atividade no agrupamento 129 docentes, 88,3% pertencentes ao quadro, revelando bastante estabilidade profissional e 87% têm mais de 10 anos de serviço. Como pessoal não docente, trabalham no agrupamento 51 pessoas, sendo 40 assistentes técnicos, um encarregado operacional, nove assistentes técnicos e um chefe de serviços de administração escolar, com 72,5% deles com 10 ou mais anos de serviço.

2.2 Agrupamento nos 1º e 2º Ciclos de AEE

No 1º Ciclo de Avaliação Externa das Escolas, o Quadro de Referência incluía 5 Domínios avaliados: Resultados; Prestação do Serviço Educativo; Organização e Gestão Escolar; Liderança e Capacidade de Autorregulação e Melhoria da Escola. Segundo informação baseada em Avaliação Externa das Escolas – Relatório, IGEC 2007, as classificações obtidas pelo Agrupamento foram: Resultados - Muito Bom; Prestação do Serviço Educativo – Bom; Organização e Gestão Escolar – Muito Bom; Liderança – avaliado com Muito Bom; e Capacidade de Autorregulação e Melhoria do Agrupamento – Bom.

Foram destacados os seguintes pontos fortes: “A liderança do Conselho Executivo, assumindo o Presidente um papel de destaque; O funcionamento da Assembleia de Escola; A inexistência de abandono escolar; O funcionamento do Departamento dos apoios educativos e o projeto de tutorias; O envolvimento do corpo docente e não docente; A responsabilização dos alunos; O estabelecimento de parcerias e protocolos com outras instituições”.

Relativamente aos pontos fracos, foram apontados: “A inexistência de um processo de autoavaliação formalizado; A deficiente articulação sequencial com as Escolas Secundárias que recebem os alunos no seu normal percurso escolar”.

Apontam-se medidas a continuar, a tomar ou a reforçar, para ultrapassar ou melhorar as práticas, a saber: “continuidade do trabalho desenvolvido; concretização de linhas de ação em fase de prospeção e estruturação formal da autoavaliação”.

No 2º Ciclo de AEE foram avaliados três domínios Resultados, Prestação do Serviço Educativo e Liderança e Gestão. Segundo informação baseada em Avaliação Externa das Escolas – Relatório, IGEC 2011, os domínios Resultados e Prestação do Serviço Educativo obtiveram a classificação de Muito Bom e o domínio Liderança e Gestão – Bom.

A equipa de avaliação realça os seguintes pontos fortes no desempenho do Agrupamento: Pluralidade de atividades que promovem a formação integral dos alunos; Utilização regular dos meios tecnológicos como meio de motivação dos alunos e incentivo à pesquisa da informação; Forte dinâmica de inclusão com resultados positivos na integração de crianças e jovens com necessidades educativas especiais; Trabalho desenvolvido pelos diretores de turma e outros docentes que contribui para a inexistência de abandono escolar; Empenho e motivação de docentes e não docentes, que contribuem para a existência de um bom clima de escola; Liderança do diretor ao nível da gestão dos recursos e da capacidade de estabelecer parcerias eficazes, com impacto no envolvimento ativo da comunidade.

A equipa de avaliação entende que as áreas onde o Agrupamento deve incidir prioritariamente os seus esforços para a melhoria são as seguintes: Identificação da pluralidade de causas que prejudicam a melhoria dos resultados; Alargamento das boas práticas de articulação e sequencialidade a todas as áreas curriculares; Implementação de procedimentos de supervisão da atividade letiva em sala de aula para favorecer os processos de partilha e reflexão sobre as práticas pedagógicas; Valorização da participação de todos os órgãos e estruturas do Agrupamento na conceção, implementação e avaliação das linhas orientadoras; Implementação de um processo formal de autoavaliação que abranja todas as dimensões de funcionamento do Agrupamento.

Até ao momento do estudo ainda não tinha sido realizada avaliação referente ao 3º Ciclo de AEE, procedendo-se à preparação.

2.3 Autoavaliação do Agrupamento de Escolas

O Agrupamento em análise tem um planeamento estruturado, assente no Projeto Educativo (PE), executado no Plano Anual de Atividades (PAA), onde se integram vários Projetos e Clubes, avaliados por critérios bem definidos.

O propósito do Projeto Educativo, define-se como a forma identitária do Agrupamento, pressupondo unidade nos procedimentos e na participação eficiente de todos os agentes. Este PE indica as estratégias para a educação eficaz, potenciadoras de cidadãos capazes e interventivos na sociedade, para a comunhão de trabalho entre a Escola, a Família e a Comunidade, para a forma de sensibilizar os alunos para um projeto de vida, assente na aquisição de formação científica, artística e humanista.

Esta estruturação conduz à essência dos objetivos deste agrupamento: “Saber Aprender; o Saber Fazer; o Saber Estar e o Saber Ser”- (PE, 2018 – Agrupamento Vila Bonita).

Foi realizado um inquérito, por via informática, aplicado aos encarregados de educação (EE) e aos alunos, como forma de verificação dos Pontos Fortes e dos Pontos Fracos, focando os temas: Ensino; Serviços Escolares e Cultura e Organização de Agrupamento.

Ensino: “Justiça nas avaliações 91%; Critérios de avaliação adequados 82%; Promoção, pelo DT, da participação dos pais 91%; O ensino corresponde às expectativas 82%; Deve apoiar o filho, em casa, nas tarefas escolares 99%; Estimulação dos pontos fracos dos alunos 64%; Resolução dos problemas pelo DT 64%; O filho participa em Projetos 64%; Qualidade da Internet da escola 55% e Serviços da Biblioteca 45%”. (Projeto Educativo, pp. 21 a 24, questões 1.1 a 1.13.)

Serviços escolares: “Boa prestação das Assistentes Operacionais 100%; Serviços da Secretaria 82%; Refeitório 91% e Serviços Psicologia 82%”. (Projeto Educativo, 2018, pp.25 e 26, questões 2.1. a 2.7.)

Cultura e organização: “Horário de atendimento DT 82%; Incentivo à participação dos EE no PE 82%; Conhecimento do PAA 91%; Conhecimento do Regulamento Interno 73%; Conhecimento do PEE 73%; Aconselha esta escola a outros EE 82%; Existe disciplina na escola 100%; O educando gosta de frequentar esta escola 100%; Valorização das opiniões dos EE 82%; Boa relação entre professores/alunos 91%; Conhecimento das planificações 64%”. (Projeto Educativo, pp.26 e 32, questões 3.1. a 3.18.)

Nas conclusões do inquérito aos encarregados de educação predominam os pontos fortes e com percentagens de concordância bastante elevados, não havendo pontos fracos na prestação dos Serviços Escolares. Alguns Pontos Fracos residem em aspetos que não poderão ser integralmente imputados à escola, tais como a participação em projetos ou o conhecimento das planificações.

Vamos de seguida analisar os resultados das respostas dos alunos ao ensino, aos serviços escolares e cultura e organização.

Relativamente ao ensino os alunos “...sentem que estão bem preparados para o ensino secundário 77%; Os professores ensinam bem 69%; Os professores usam linguagem adequada 80%; As aulas de apoio são suficientes 77%”. (Projeto Educativo, pp.33 a 36, questões 1.1. a 1.13.)

No que diz respeito aos serviços escolares, consideram “Bons serviços administrativos 74%; Boas instalações 72%; Bom serviço do bar 79%; Uso a Biblioteca da Escola 76%; Conheço as atividades extracurriculares 86%; Boas condições de higiene 44%; Utilizo a página de Internet da Escola 47%; Página de Internet com boa informação 63%; Qualidade do almoço 50%”. (Projeto Educativo, pp.36 a 39, questões 2.1. a 2.9.)

No que concerne à cultura e organização, referem “Sei a quem me dirigir, quando tenho um problema 91%; Posso apresentar sugestões/reclamações 78%; Participo em clubes e projetos da escola 71%; Conheço o Estatuto do Aluno 85%; Sinto-me seguro na escola 82%; Existe disciplina na escola 86%; Achas que há boa relação professores/alunos 78%; Os horários são bons 53% ; A Direção acolhe bem as minhas sugestões 50%; Os conflitos são resolvidos com justiça 50%”. (Projeto Educativo, págs.39 a 43, questões 3.1. a 3.18.)

Nas conclusões do inquérito aos alunos, os pontos fracos são de caráter mais subjetivo e perto de passarem a pontos fortes, colidindo, até, com alguns pontos fortes, como o exemplo de afirmarem em 50% que “a Direção não acolhe as minhas sugestões” e, em contraponto, afirmam que “posso apresentar sugestões/reclamações (78%). Os pontos Fortes mais significativos, pela resposta com maior percentagem, inserem-se na Cultura e organização, o que poderá evidenciar a boa organização da escola, expressa na resposta que dá neste domínio.

O diagnóstico realizado conduziu ao estabelecimento de três princípios: “melhoria da qualidade das aprendizagens; formação de indivíduos solidariamente responsáveis e ativos na sociedade e desenvolvimento de capacidades que conduzam à construção de um projeto de vida de sucesso (PE, 2018 – pág. 45), com linhas orientadoras bem definidas e assentes no clima positivo de escola, sequencialidade entre os vários ciclos de ensino, centralização do processo de ensino no aluno, promoção de ensino integral, motivação de todos os agentes de ensino...”(PE 2018, pág. 45). As áreas trabalhadas inserem-se nos planos social, pessoal e local, estabelecendo-se objetivos e metas para se concretizarem, através de Estratégias apropriadas.

Os objetivos orientaram-se para “Melhoria dos resultados escolares; Aumentar o sucesso educativo dos alunos; Consolidar o posicionamento do Agrupamento como parceiro fundamental no desenvolvimento da comunidade onde se insere; Melhorar o desenvolvimento social e cultural dos nossos alunos; Reforçar a ligação com as famílias; Melhorar as condições de ensino-aprendizagem; Investir na melhoria de comportamentos”. (Projeto Educativo, págs.46 a 49)

Relativamente às metas, foi estabelecido que “Em cada ano (no período de vigência do Projeto Educativo), deverá haver um aumento de 1% de alunos no Quadro de Excelência; As taxas de transição devem superar os 97%, em cada ano de ensino.; No final de vigência, o Projeto Educativo deverá manter o número de atividades emblemáticas, envolvendo a comunidade local (ACL); Obter uma taxa de inscrição em clubes, no mínimo, de 50% da população estudantil; Realizar 5 atividades por estabelecimento/ano.; Manter 100% das salas com material informático devidamente funcional; Realizar uma reunião por período com os representantes de cada turma com a Direção”. (Projeto Educativo, pp.46 a 49)

No que se refere às Estratégias, era importante “Continuar a dinamizar os Serviços de Psicologia e Orientação Escolar e o apoio à família; Assegurar a forte articulação entre os diferentes Ciclos de ensino; Continuar a ter o espaço da Biblioteca Escolar aberto à comunidade, com desenvolvimento/concretização de Projetos; Promover a participação dos alunos na elaboração e implementação do P.A.A; Refletir em conjunto e envolver os Representantes dos Pais na resolução dos problemas escolares; Proceder à manutenção do material informático existente; Corresponsabilizar os alunos no estabelecimento de regras e na resolução de problemas internos”. (Projeto Educativo, págs.46 a 49)

O Agrupamento criou o Observatório de Qualidade das Práticas (OQP), em 2018, para acompanhar e enriquecer o processo de autoavaliação com base nas seguintes etapas: Otimizar os procedimentos de diagnóstico; Monitorizar e avaliar a consecução das metas do Projeto Educativo; Sistematizar os mecanismos de autoavaliação, através do ciclo de melhoria contínua, baseado no modelo PDCA (Plan, Do, Check, Act) - ciclo de Demming; Aproximar o modelo de autoavaliação da Avaliação Externa de Escolas.

O Agrupamento integrou o Projeto de Autonomia e Flexibilidade Curricular do Ensino Básico (PAFCEB), criado pelo despacho 5908/2017, na sua fase piloto, seguindo os princípios que garantam a inclusão, pela flexibilidade, inovação e personalização. Promove a interdisciplinaridade, o fomento das artes e de disciplinas científicas e tecnológicas, desportivas e humanistas, como estruturantes de um currículo, através do trabalho colaborativo.

Assume-se a avaliação interna como fundamental para a gestão curricular e a avaliação externa como reguladora dos processos de melhoria de todos os resultados.

A Flexibilidade Curricular também permite ofertas complementares, centradas nas Expressões e no Desporto, como forma de minimizar a pobreza sociocultural do meio que envolve esta escola. O desdobramento de aulas, inserido no Plano de Ação Estratégica, faz-se entre Inglês e Francês, como forma de proporcionar menor quantidade de alunos por turno e o ensino coadjuvado concorre para o apoio individualizado a alunos com maiores necessidades educativas.

CAPÍTULO III – Metodologia

3.1 Objetivos do estudo

O método empírico utilizado foi o Estudo de Caso, pela amplitude de possibilidade de pesquisa, pela abrangência como a “...estratégia de pesquisa que responde às perguntas (como?) e (porquê?), em contexto de vida real” (Yin, 2012, pág. 167). A possibilidade de análise dos dados recolhidos, de forma mais realista, também “pesou” nesta decisão, uma vez que foram recolhidos num contexto particular, o Agrupamento Vila Bonita (AVB), que foi caracterizado no capítulo anterior.

Os objetivos do estudo levado a efeito passaram por caracterizar o corpo docente do agrupamento, por conhecer o seu nível de satisfação com a AEE, bem como por compreender melhor os efeitos positivos ou negativos causados pela AEE. Também, pretendemos saber a opinião da direção e das lideranças intermédias acerca da satisfação e dos efeitos da AEE.

3.2 Instrumentos e procedimentos

Foram utilizados, para além da análise dos documentos produzidos pelo agrupamento e dos relatórios de AEE, essencialmente os inquéritos por entrevista e por questionário. Enquanto as entrevistas nos permitiram ouvir as vozes das lideranças do Agrupamento, o questionário aos professores possibilitou-nos trabalhar de forma mais abrangente o objeto de investigação.

Os inquérito por entrevista à direção e aos coordenadores e o inquérito por questionário aos professores, foram adaptados dos instrumentos que estão a ser desenvolvidos no âmbito do Projeto de Investigação Mecanismos de Mudança nas Escolas e na Inspeção num estudo sobre 3.º ciclo de Avaliação Externa de Escolas do Ensino não Superior, em Portugal (MAEE) - PTDC/CED-EDG/30410/2017 e tem como objetivos conhecer o grau de satisfação com o processo de avaliação externa das escolas, bem como identificar efeitos e mecanismos de mudança da avaliação externa, com especial enfoque neste 3.º ciclo avaliativo. Assim, o referido questionário passado aos professores do AVB inclui 3 grupos (cf. Anexo 1). O primeiro grupo refere-se à caracterização sociodemográfica e profissional dos docentes, enquanto o segundo grupo e o terceiro dizem respeito à satisfação com a AEE e aos efeitos globais causados pela mesma na autoavaliação, na liderança e gestão, no serviço educativo e nos resultados.

Os instrumentos utilizados, como já referimos, foram o inquérito por entrevista e o inquérito por questionário, sendo o primeiro realizado com os coordenadores de departamento e com a direção,

seguindo o mesmo procedimento: enviámos um pedido de autorização para a sua realização, onde informámos do seu propósito, da sua confidencialidade e das datas propostas para a sua realização, de acordo com a disponibilidade de tempo dos potenciais entrevistados. Obtidas as respostas a estas solicitações, deslocámo-nos à sede do agrupamento, em momentos distintos para os coordenadores e para a direção, em que colocámos as questões prévias à entrevista, preparadas quer pelo conhecimento da realidade do agrupamento, quer outras de âmbito mais universal, em relação à função das lideranças intermédias. A entrevista com os coordenadores de departamento foi realizada em *focus-group*, havendo a gestão das questões de modo a que as respostas fossem as consensuais. Quanto à entrevista à direção, seguimos os mesmos processos referidos atrás, tendo participado unicamente a diretora do Agrupamento.

Os inquéritos aos professores passaram pelo pedido de realização junto da direção do agrupamento e aceite o mesmo, fizemos uma reunião com os professores onde explicámos os objetivos do inquérito, a sua forma, o seu conteúdo e a forma de implementação: por meio informático. Tal pedido foi aceite pela totalidade dos professores, assim como foram dadas respostas a todos os inquéritos enviados, no tempo solicitado.

Para o tratamento dos dados das entrevistas procedemos à análise de conteúdo, através das descrições dos entrevistados ou unidades de registo.

3.3 Participantes

Participaram no inquérito por entrevista a diretora do AVB e 14 coordenadores de departamento. Responderam ao inquérito por questionário setenta e sete professores do Agrupamento. Iremos de seguida, fazer a caracterização dos professores de acordo com as variáveis sociodemográficas e profissionais constantes do questionário.

Género

1. Género

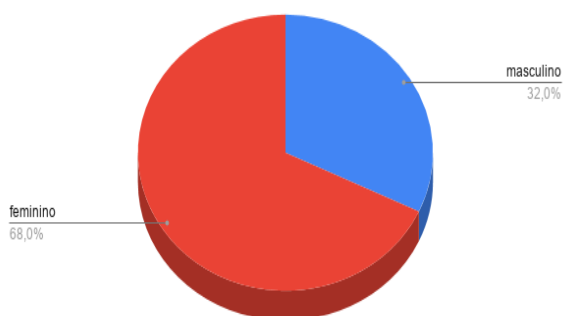


Gráfico 1 – Género dos participantes

Mais do dobro das respostas são de docentes do género feminino (72 professoras), de acordo com a realidade do ensino em Portugal, retratada neste agrupamento. Responderam 25 professores (cf. Gráfico 1)

Idade

2. Idade

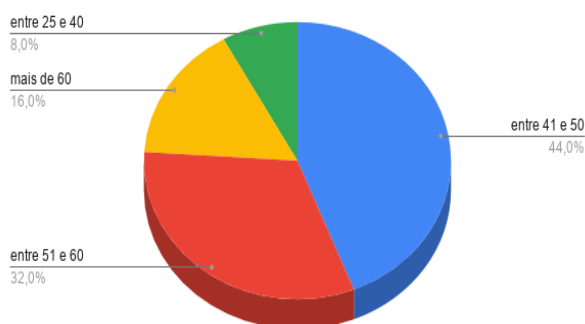


Gráfico 2 – Idade dos participantes

Quase metade dos professores tem mais do que 40 anos de idade e um terço mais do que 50.

Os professores em início de carreira são em número residual (inferior a 10%).

16% estão a menos de seis anos da aposentação.

Os dados fornecidos demonstram que o conhecimento da avaliação externa das escolas deveria ser amplo e consistente. (cf. Gráfico 2)

Habilitações Académicas

3. Habilitações académicas

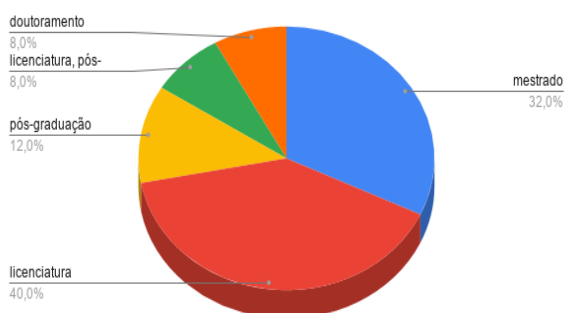


Gráfico 3 – Habilitações académicas dos participantes Grande parte do grupo de estudo possui licenciatura (40%), outra parte significativa fez mestrado (32%) e os doutoramentos e pós-graduações surgem em partes iguais (8% cada). Os mestrados e os doutoramentos foram realizados após terem entrado na carreira, pois trata-se, maioritariamente, de licenciados pré-Bolonha.

Outra conclusão que podemos retirar é que os professores com bacharelato já passaram à aposentação ou fizeram complementos de formação para equivalência à licenciatura.

De realçar, pela existência de 8% de professores com doutoramento, a preocupação na sua qualificação académica e respetivo enriquecimento profissional. (cf. Gráfico 3).

Tempo de Serviço

4. Tempo de serviço docente até 31 de agosto de 2020 (em anos)

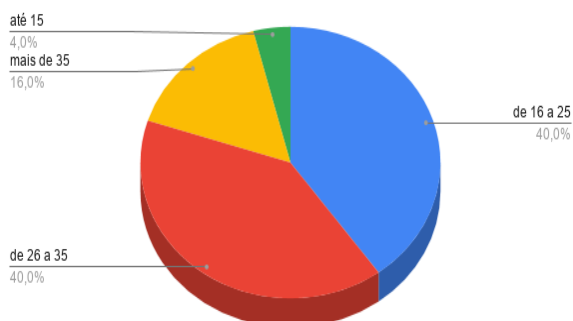


Gráfico 4 – Tempo de serviço dos participantes

Os professores deste agrupamento têm muita experiência de ensino, pois 96% têm mais de 16 anos de serviço e 46% entre os 26 e os 35 anos ou mais, ainda. (cf. Gráfico 4)

Níveis de Ensino

5. Nível(eis) de ensino em que trabalha.

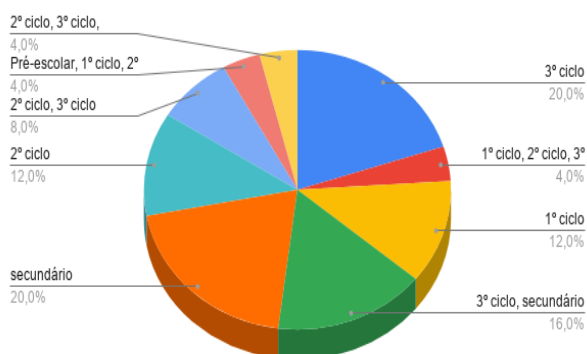


Gráfico 5 – Níveis de ensino representados

Todos os Níveis de Ensino estão representados. (cf. Gráfico 5)

Grupos de Recrutamento



Gráfico 6 – Grupos de recrutamento dos participantes

Os Grupos de Recrutamento estão representados em percentagens muito iguais. (cf. Gráfico 6)

Situação Profissional

7. Situação profissional

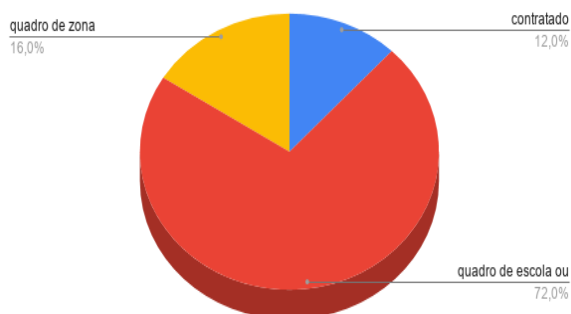


Gráfico 7 – Situação profissional dos participantes

A maioria dos professores do agrupamento pertencem ao quadro de agrupamento (72%).

O quadro de zona e os contratados estão representados em percentagens muito semelhantes, correspondendo a um terço do total. (cf. Gráfico 7)

Cargos desempenhados

8. Cargos atualmente

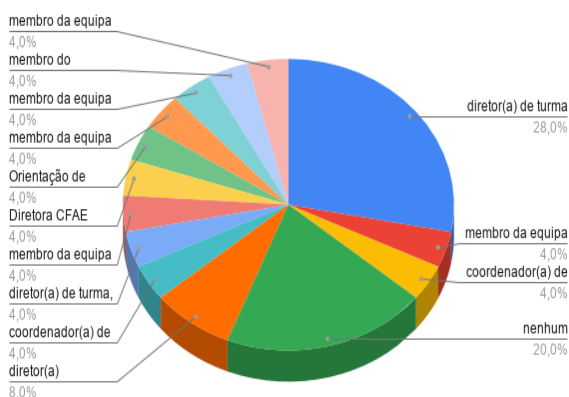


Gráfico 8 – Cargos desempenhados pelos participantes

Quase todos os professores (4/5) têm cargos distribuídos, refletindo a cultura do agrupamento. (cf. Gráfico 8)

Formação dos Docentes ao Longo da Carreira

9. Formação ao longo da carreira

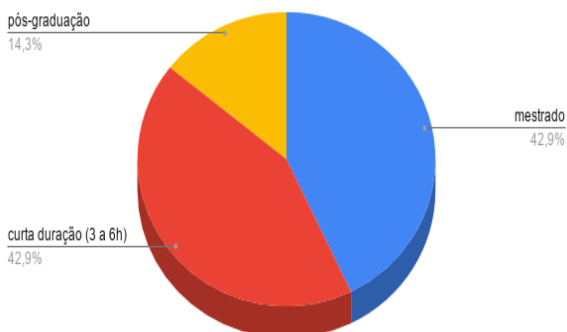


Gráfico 9 – Formação dos participantes ao longo da carreira

As ações frequentadas estão divididas entre as de curta duração e os mestrados (42,9% cada) e, ainda, professores com pós-graduações, pressupondo interesse dos professores em fazer formação mais consistente, por serem maioritariamente licenciados pré-Bolonha e terem procurado os mestrados em universidades, enquanto já profissionais do ensino. (cf. Gráfico 9)

Níveis de ensino

10. Níveis de ensino no agrupamento

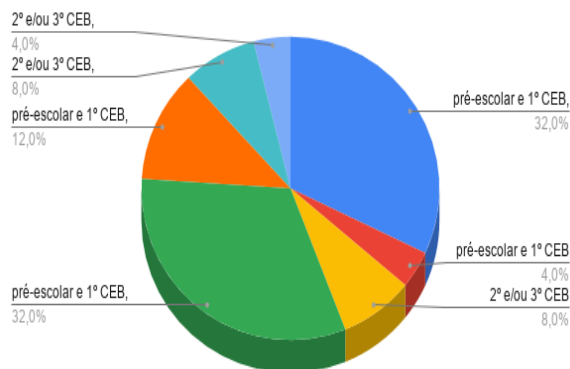


Gráfico 10 – Níveis de ensino existentes no agrupamento dos participantes

No agrupamento, os níveis de ensino vão do pré-primário ao 9º ano de escolaridade. (cf. Gráfico 10)

Avaliações desde 2006

11. Desde 2006, quantas vezes o seu agrupamento já foi alvo de um processo de Avaliação Externa

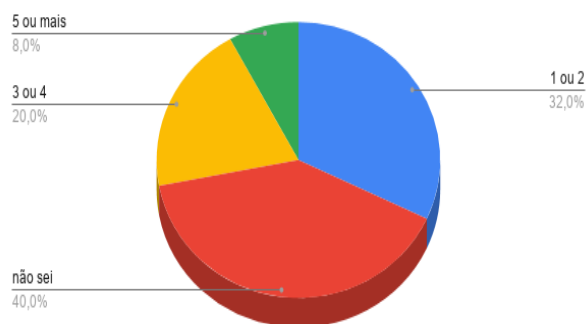


Gráfico 11 – Número de avaliações do agrupamento dos participantes, desde 2006

O agrupamento foi avaliado duas vezes: no 1º Ciclo de AEE (2007) e no 2º Ciclo de AEE (2011). O facto de haver professores a mencionar mais do que duas vezes, deve-se ao facto de terem transitado de agrupamento. Considerámos importante mencionar esta situação que denota mais conhecimento da AEE, por nela terem estado envolvidos nos agrupamentos anteriores. (cf. Gráfico 11)

Número de vezes de Participação em Painel

12. Quantas vezes participou numa entrevista em "painel" designado(a) pela direção.

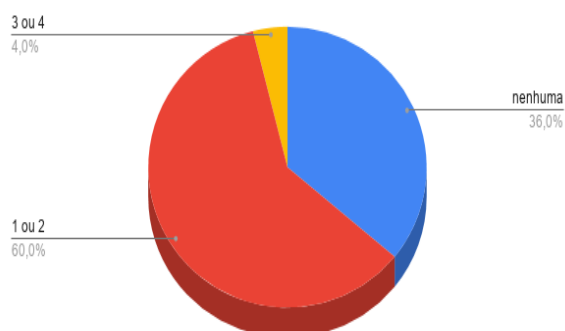


Gráfico 12 – Número de vezes que os participantes participaram em painel, designados pela direção

Mais de metade dos professores participou em dois momentos de AEE, enquanto designados pela direção.

Também aqui se verifica a cultura do agrupamento, tal como salientamos no Gráfico 8 (Cargos desempenhados). (cf. Gráfico 12)

Aulas Observadas para AEE

14. Quantas vezes participou como professor (a) com aula observada.

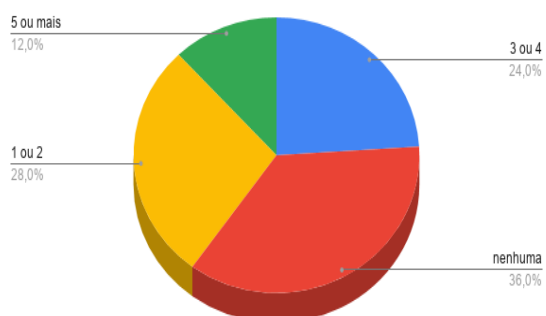


Gráfico 13 – Número de aulas observadas (dos participantes)

Um número diminuto de professores (36%, corresponde a 27 docentes) teve aulas assistidas no âmbito da AEE. (cf. Gráfico 13)

Entrevista em painel como convidado

13. Quantas vezes participou numa entrevista em "painel" convidado(a) pela equipa da AAE..

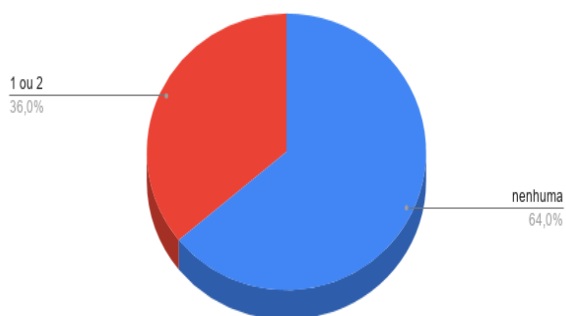


Gráfico 14 – Número de vezes que os participantes foram incluídos em painel, como convidados pela equipa de AEE.

Quase dois terços dos professores não têm participação em painel por convite da equipa de AEE. (cf. Gráfico 14)

Inquiridos por Questionário, para AEE

15. Quantas vezes foi inquirido(a) por questionário no âmbito de uma AAE.

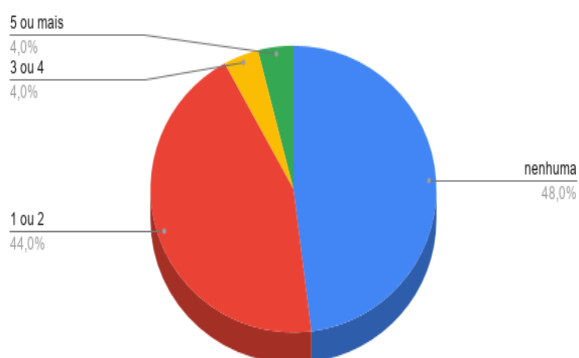


Gráfico 15 – Número de vezes que os participantes foram questionados para AEE

Somente metade dos professores já foram inquiridos por inquérito para AEE. (cf. Gráfico 15)

Apresentação de Contraditório

16. A escola/agrupamento elaborou contraditório(s) na sequência da AAE.

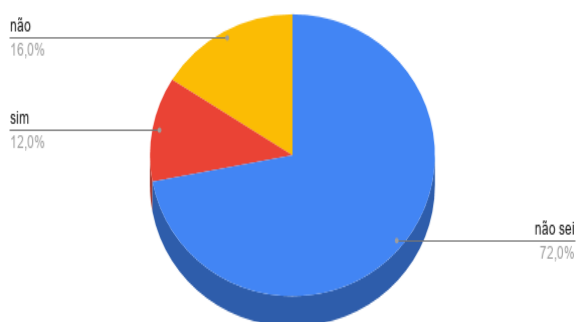


Gráfico 16 – Conhecimento, pelos participantes, do contraditório do agrupamento

Há um elevado desconhecimento relativamente à apresentação de contraditório pelo agrupamento (72%). (cf. Gráfico 16)

CAPÍTULO IV - Análise e Interpretação de dados

4.1 Nível de satisfação dos professores com o processo de AEE

Atendendo a vários fatores já referenciados na análise anterior (Grupo I – Dados dos Professores), fazemos a análise reflexiva sobre o nível de satisfação com o processo de AEE (cf. Grupo II do inquérito por questionário) percebendo que os valores obtidos através das respostas aos inquéritos denotam qualidade de conhecimento, pois trata-se de um corpo profissional com elevado grau de estabilidade, conhecendo bem a realidade do agrupamento, a sua cultura e, também, de um grupo bem integrado, em que a avaliação é tida como uma forma de evolução, de adaptação de procedimentos à consecução dos objetivos traçados e com o conceito desmistificado da avaliação como uma ato inspetivo, fruto do ambiente que se vive, da harmonia de vontades e de atuações.

Pela tabela de conversão que criámos, os níveis de satisfação são designados como baixo, moderado e elevado.

Preparação Para a Atividade de AEE feita pelo Agrupamento

18. Preparação da atividade de avaliação que é feita na escola (marcar apenas uma hipótese)

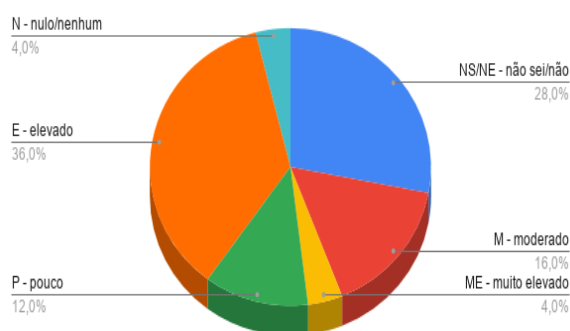


Gráfico 17 – Nível de satisfação com a preparação do agrupamento para a atividade

Nível de satisfação predominante: elevado

O nível de satisfação com a forma como o agrupamento preparou a avaliação externa poderá considerar-se elevado, sendo este nível predominante, com alguns professores a responderem, também, muito elevado. (cf. Gráfico 17)

Preparação da Atividade pela IGEC

19. Preparação da atividade de avaliação que é realizada pelo IGEC (Inspeção-Geral da Educação e Ciência) (marcar apenas uma hipótese)

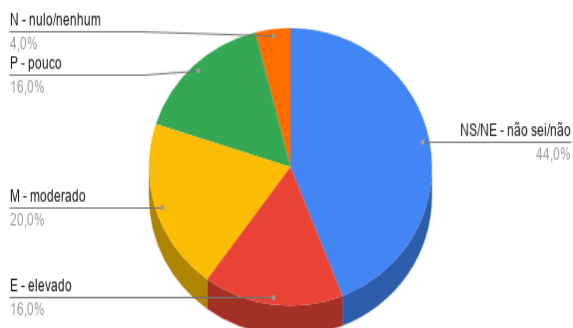


Gráfico 18 – Nível de satisfação com a preparação da atividade de avaliação pela IGEC

Nível de satisfação predominante: moderado.

A preparação levada a cabo pela IGEC é desconhecida por quase metade dos professores e de entre os que a conhecem, a resposta mais frequente é moderado. (cf. Gráfico 18)

Observação na Prática Letiva

20. Observado(a) na prática letiva

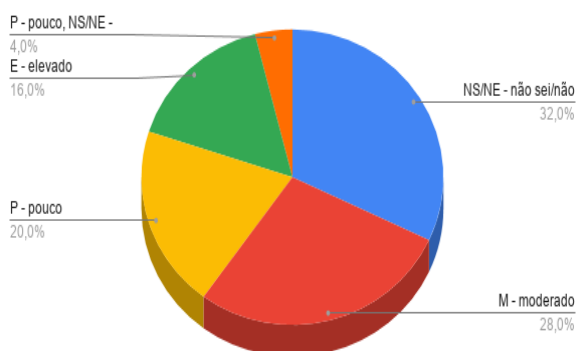


Gráfico 19 – Nível de satisfação com a observação da prática letiva

Nível de satisfação predominante: moderado

Os professores têm um nível de satisfação prioritariamente moderado com a observação que lhes é realizada nas atividade letiva, embora uma percentagem elevada dos mesmos não tenha sido observada. (cf. Gráfico 19)

Participação e envolvimento dos professores no processo de AEE

21. Participação/envolvimento dos professores no processo de AEE
(marcar apenas uma hipótese)

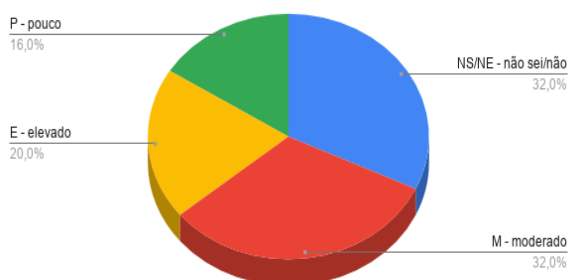


Gráfico 20 – Nível de satisfação com a participação e envolvimento dos professores no processo de AEE

Nível de satisfação predominante: moderado

Consideramos o nível de satisfação moderado, expresso por um terço dos professores, havendo outro terço que não esteve incluído nesta prática. (cf. Gráfico 20)

Informação sobre o processo de AEE

22. Informação sobre o processo de AEE

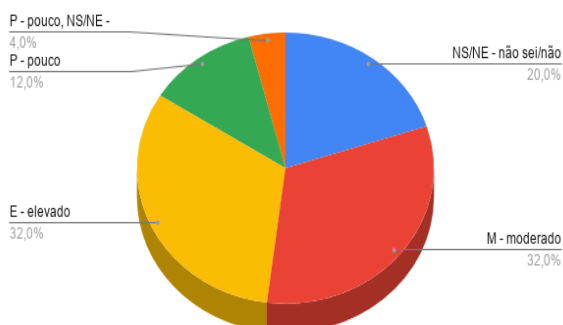


Gráfico 21 – Nível de satisfação com a informação sobre o processo de AEE

Níveis de satisfação predominantes: moderado/elevado

Um terço dos professores considera elevado o nível de satisfação com a informação que possui sobre o processo da avaliação externa e outro terço considera moderado. (cf. Gráfico 21)

Adequação da AEE às especificidades do Agrupamento

23. Adequação da AEE às especificidades da escola em que leciona

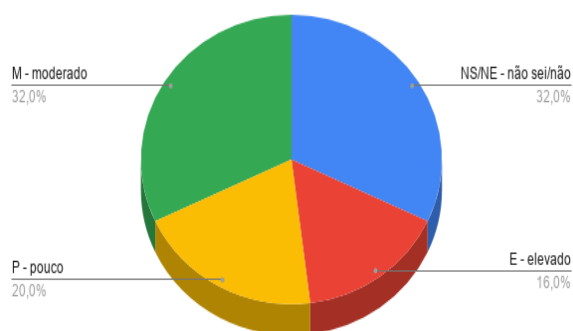


Gráfico 22 – Nível de satisfação com a adequação da AEE às especificidades do agrupamento

Nível de satisfação predominante: moderado

O nível de satisfação, no que se refere à adequação da AEE às especificidades da escola, é moderado. A falta de informação sobre esta matéria é muito elevada (32%). (cf. Gráfico 22)

Constituição da Equipa de Avaliadores

24. Constituição da equipa de avaliadores

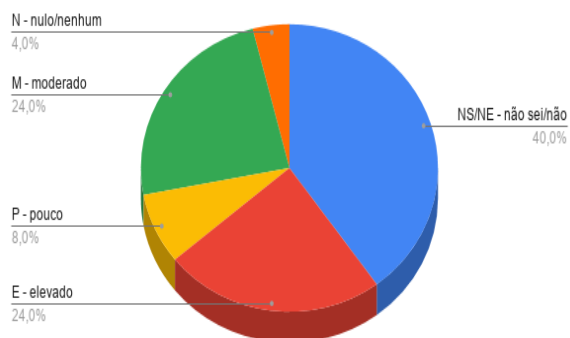


Gráfico 23 – Nível de satisfação com a constituição da equipa de avaliadores externos

Nível de satisfação predominante: moderado/elevado

Quase metade dos professores não sabe como é constituída a equipa de avaliadores externos e, de entre os que conhecem, o nível de satisfação divide-se entre o moderado e o elevado. (cf. Gráfico 23)

Interação entre a equipa de avaliadores externos com a comunidade

25. Interação da equipa de avaliadores externos com a comunidade educativa

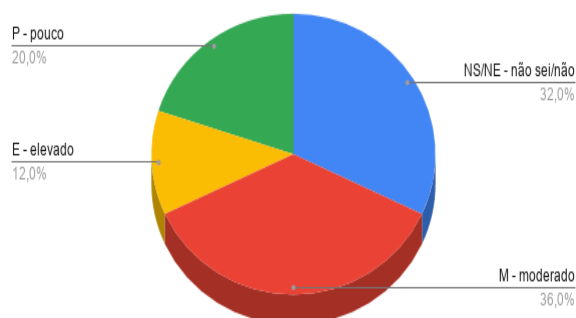


Gráfico 24 – Nível de satisfação com a interação entre a equipa de avaliadores externos e a comunidade educativa

Nível de satisfação predominante: moderado

É tido como moderado o nível de satisfação sobre a interação proporcionada pela equipa de avaliadores externos com a comunidade educativa. (cf. Gráfico 24)

Informação no Portal Infoescolas da DGEEC sobre os resultados da AEE

26. Informação que consta no portal INFOESCOLAS da DGEEC, sobre os resultados escolares

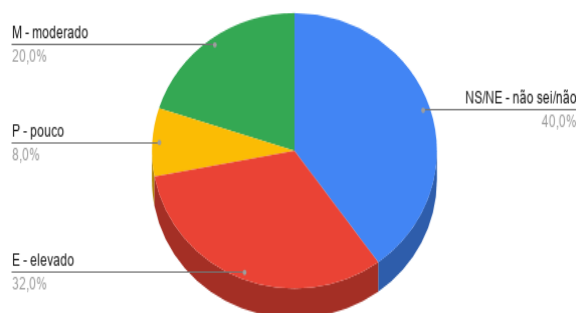


Gráfico 25 – Nível de satisfação com a informação no portal Infoescolas

Nível de satisfação predominante: elevado

Os professores que conhecem a informação sobre os resultados da AEE, existente no portal Infoescolas da DGEEC, consideram ter um nível de satisfação elevado. Cerca de metade não conhece a mesma. (cf. Gráfico 25)

Descritores da Escala de Classificação

27. Descritores da escala de classificação

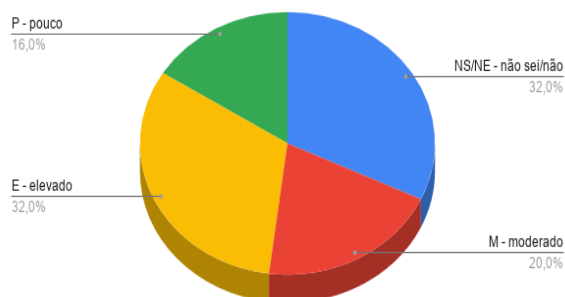


Gráfico 26 – Nível de satisfação com os descritores da escala de classificação

Nível de satisfação predominante: elevado

O nível de satisfação com os descritores da escala é elevado. (cf. Gráfico 26)

Metodologia do Agrupamento utilizada na avaliação

28. Metodologia da escola/agrupamento utilizada na avaliação

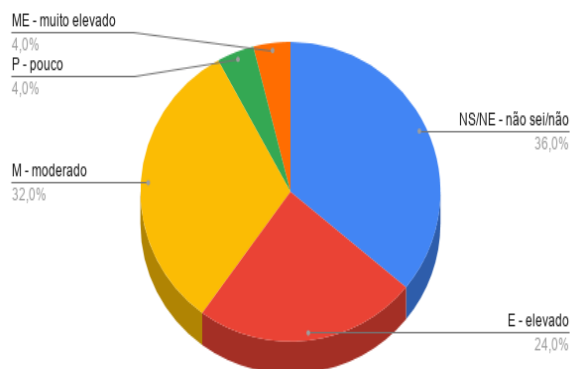


Gráfico 27 – Nível de satisfação com a metodologia do agrupamento no processo de avaliação

Nível de satisfação predominante: moderado

O nível de satisfação com a metodologia do agrupamento na autoavaliação é moderado, sendo a incidência de professores que a desconhecem muito significativo. (cf. Gráfico 27)

Modalidade de divulgação dos resultados no Agrupamento

29. Modalidade de divulgação dos resultados da AAE, na escola/agrupamento

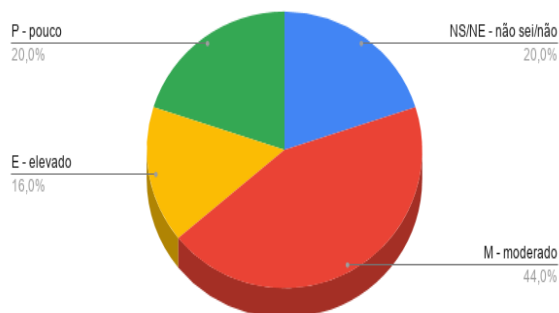


Gráfico 28 – Nível de satisfação com a preparação do agrupamento para a atividade

Os professores consideram que a forma do agrupamento divulgar os resultados da avaliação externa é moderado. (cf. Gráfico 28)

Credibilidade da Equipa de AEE

30. Credibilidade da equipa da AEE na escola/agrupamento

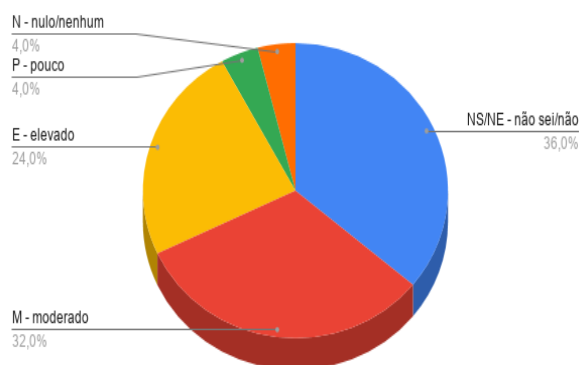


Gráfico 29 – Nível de satisfação com a credibilidade da equipa de AEE

Nível de satisfação predominante: moderado

Para 32% dos professores o nível de satisfação relativamente à credibilidade da equipa de AEE é moderado, para 24% elevado, sendo pouco e nenhum para 4% e 36% dos docentes diz desconhecer. Justifica-se esta última posição pelo facto de não ter estado em nenhum painel da AEE. (cf. Gráfico 29)

Clareza e informação do relatório de AEE

32. Clareza e informação do relatório de AEE

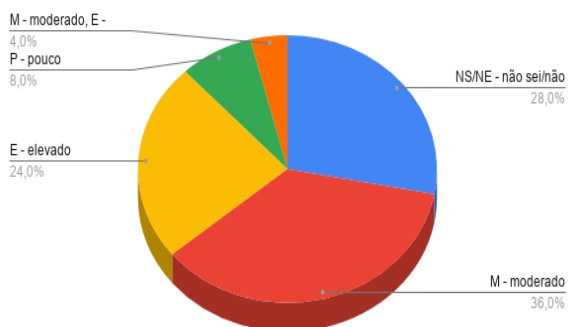


Gráfico 30 – Nível de satisfação com a clareza de informação do relatório de AEE

Nível de satisfação predominante: moderado

Quanto à clareza e informação do relatório, os professores consideram o nível de satisfação essencialmente moderado (36%) e elevado 24%. No entanto, existem ainda 28% dos professores que não manifestam especificamente o seu nível de satisfação. (cf. Gráfico 30)

Processo Global da AEE –

33. Processo global de AEE

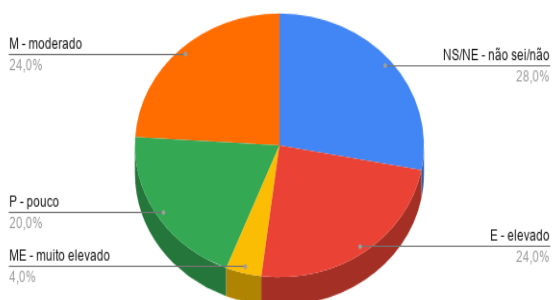


Gráfico 31 – Nível de satisfação com o processo global de AEE

Nível de satisfação predominante: moderado/elevado

Mais de metade (52%) dos docentes inquiridos têm como moderado, elevado e muito elevado o nível de satisfação do processo global da AEE. Há, mesmo, 28% que consideram elevado e muito elevado. (cf. Gráfico 31)

4.2 Efeitos globais da AEE nas Escolas/Agrupamentos, segundo os professores

(Estes dados correspondem ao Grupo III do inquérito por questionário)

Efeito da AEE no processo de autoavaliação

35. Qual o efeito da AEE no processo de Autoavaliação (de professores)

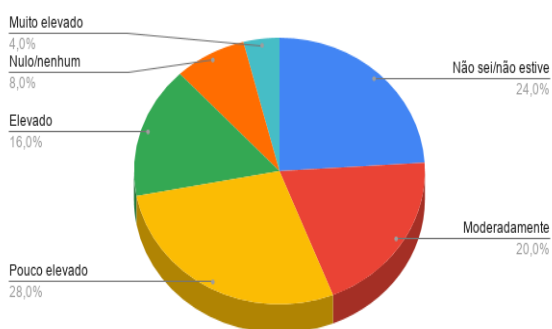


Gráfico 32 – Nível de satisfação com os efeitos da AEE no processo de autoavaliação

Nível de satisfação predominante: elevado

A relação entre a AEE e a autoavaliação tem um efeito elevado e muito elevado segundo 20% dos inquiridos e moderadamente elevado para outros 20%. (cf. Gráfico 32)

Efeito do processo de AEE no desenvolvimento organizacional do Agrupamento (Liderança e Gestão)

36. Qual o efeito do processo da AEE no desenvolvimento organizacional da escola (Liderança e Gestão)

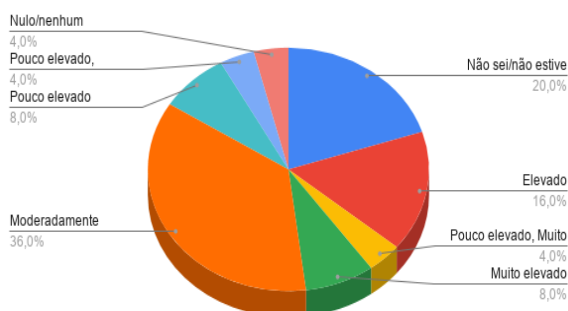


Gráfico 33 – Nível de satisfação com os efeitos da AEE no desenvolvimento organizacional do agrupamento (Liderança e Gestão)

Nível de satisfação predominante: moderado

Quase dois terços dos professores entendem que a AEE tem um efeito muito positivo sobre a estrutura organizacional dos agrupamentos, quanto às Lideranças e à Gestão, pois apontam em 60% ser, desde moderadamente a muito elevado. (cf. Gráfico 33)

Efeito da AEE na Prestação do Serviço Educativo

37. Qual o efeito da AEE na Prestação do Serviço Educativo

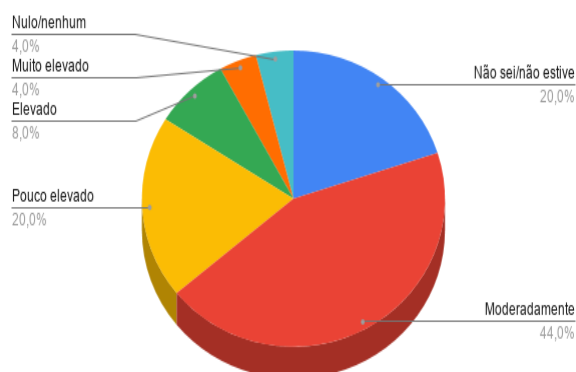


Gráfico 34 – Nível de satisfação com os efeitos da AEE na prestação do serviço educativo

Nível de satisfação predominante: moderado

A influência da AEE na prestação do serviço educativo é considerada por cerca de metade dos professores como alcançando o nível de satisfação moderado. (cf. Gráfico 34)

Efeito da AEE nos resultados escolares

40. Qual o efeito da AEE nos resultados escolares

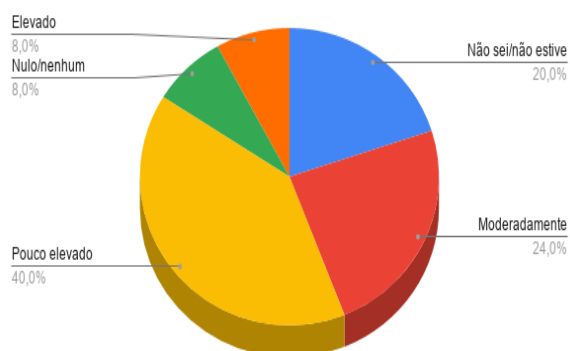


Gráfico 35 – Nível de satisfação com os efeitos da AEE nos resultados escolares

Nível de satisfação predominante: baixo

O efeito da AEE nos resultados escolares atinge um efeito de satisfação pouco elevado para 40% dos docentes, moderado para 24% e elevado para 8%. No entanto, para 8% não tem nenhum efeito e 20% não tem opinião relativamente a este assunto.

De uma forma geral, os efeitos globais da AEE nos vários domínios são moderados ou pouco elevados, exceção feita para a Liderança e Gestão onde existem também alguns efeitos muito elevados. (cf. Gráfico 35)

4.3 Dados da entrevista aos coordenadores

Neste tópico, faz-se uma síntese das principais ideias recolhidas referentes à satisfação dos coordenadores com a AEE, bem como os efeitos globais, na sua opinião, que tem tido, na autoavaliação, na prestação do serviço educativo, na liderança e gestão e nos resultados.

Segundo os coordenadores, o Agrupamento faz a preparação para a AEE, no seu 3º Ciclo de Avaliação, mediante seis parâmetros:

1 – Estruturação dos documentos internos de suporte à atividade exercida; Projeto Educativo; Plano Anual de Atividades; Observatório da Qualidade das Práticas; Relatório da Comissão de Horários; Programa Educação para a saúde; Enriquecimento Curricular; Desporto Escolar e outros;

2 – Análise da documentação interna com as Lideranças Intermédias (LI);

3 – Análise do documento sobre o 3º Ciclo de Avaliação Externa das Escolas, dos Relatórios de Avaliação e dos Contraditórios do 1º e do 2º Ciclo de AEE, em reunião das LI;

4 – Reuniões de Departamento para análise dos documentos referidos no ponto anterior;

5 - Implementação dos pressupostos nos documentos descritos no Ponto 1;

6 – Processo de Autoavaliação pelo Observatório da Qualidade das Práticas.

Os coordenadores consideram-se satisfeitos com a informação disponibilizada para a preparação da AEE, uma vez que boa parte dela é proveniente da IGEC, da sua página oficial, nomeadamente através de Relatórios de Avaliação que permitem tomar conhecimento com realidades diversas, em contextos diversos ou semelhantes às características deste agrupamento. A informação sobre AEE é vasta, mas entende-se a necessidade de outra forma de sistematização, como a criação de pastas por temas relacionados com a AEE, bem como há documentação muito extensa que dificulta a consulta, por falta de tempo.

Relativamente ao conhecimento do processo de AEE, os coordenadores têm perspetivas diferentes, consoante se trate dos elementos da Direção ou dos restantes docentes. Todo o processo é do conhecimento amplo da direção e menos conhecido dos docentes que não tenham cargos de chefia atribuídos, limitando-se estes ao conhecimento residual, muito mais por culpa própria do que por falta de fontes de informação. Uma percentagem muito superior à metade dos

professores desconhece o processo de AEE para além do contacto que tem com os avaliadores externos, não consultando documentação sobre a AEE ou sobre resultados. Nas reuniões de departamento conclui-se que é do desconhecimento desta parcela alargada de docentes a muita informação que existe e só uma parte residual tem conhecimento do Relatório de Avaliação do agrupamento em que trabalha, antes destes debates.

No entender dos coordenadores, a informação sobre os resultados escolares, prestada pelo portal Infoescolas é fácil e totalmente esclarecedora. O processo utilizado, incluindo todo o tipo de dados referentes a resultados, processos de promoção do sucesso e estatísticas é muito rico e intuitivo na sua consulta.

Sendo um portal aberto, sem necessidade de código de entrada, é um elemento de consulta para os agrupamentos, para as lideranças intermédias, para os professores e para qualquer cidadão que o pretenda. Aí, prestados pela Direção-Geral de estatísticas da Educação e Ciência, podemos consultar as formas de sucesso através de descritores e simbologia próprios, saber resultados de exames nacionais, de provas de aferição, as retenções, as médias nacionais, comparações de todos estes parâmetros, a nível regional ou nacional, com indicadores numéricos ou percentuais. É um tipo de informação profunda, precisa e necessária à promoção do sucesso escolar.

Na opinião dos coordenadores, a forma como é atribuída a classificação, por Domínio, com cinco níveis (Insuficiente, Suficiente, Bom, Muito Bom e Excelente) revela a possibilidade de atribuição de classificação da AEE sem situações dúbias, por muito parecidas. Das três escalas de classificação já utilizadas, o grupo considera esta a mais exata. Em relação à escala do 1º Ciclo de AEE, há a evolução da existência do Excelente e, no respeitante aos descritores, evoluiu-se no sentido da exatidão dos termos usados, indo ao encontro de todas as reestruturações havidas em relação aos ciclos anteriores. A noção que apresenta é de ter-se tornado ainda mais exatos os descritores do 1º Ciclo, descrevendo na perfeição todos os parâmetros analisados, as razões da classificação e a forma de melhorar os procedimentos menos conseguidos.

Segundo os coordenadores, o agrupamento utilizou para a preparação da AEE uma metodologia que designamos por misto de um processo vertical e horizontal: a direção tomou a responsabilidade da recolha e primeira análise da documentação necessária, passando a outra fase, a da análise com as Lideranças Intermédias. Daqui, generalizou-se a análise por todos os intervenientes no processo educativo: docentes, pessoal administrativo e pessoal auxiliar.

Talvez se devesse, para otimizar o processo, dividir por grupos específicos esta primeira análise, através dos coordenadores, que passariam a transmitir os resultados do seu conhecimento mais

especializado pelos restantes colegas. Assim, todos tomariam conhecimento, ainda mais em pormenor. Relativamente à forma de divulgação dos resultados da AEE, no agrupamento, os coordenadores consideram que é feita com a transparência habitual, pela cultura colegial como funcionam e, pressupondo a realização de Contraditório, este será realizado por uma comissão indicada para o efeito, com elementos provenientes do grupo de Coordenadores de Departamento que reúne com todos os docentes e é coordenado pela Diretora. Tal como no ponto anterior “A metodologia utilizada”, ir-se-á propor a realização dos grupos especializados, pelas razões indicadas.

No que concerne à estrutura do relatório, e tendo como referência o relatório do 2º Ciclo de AEE, consideram-na clara, indicando o enquadramento legal, o âmbito geral da AEE e dados gerais sobre o agrupamento e o trabalho aí desenvolvido pela equipa de avaliadores externos. Quanto ao conteúdo, é concretizado com linguagem exata, perfeitamente esclarecedora, revelando com clarividência os aspetos avaliados, o seu nível de avaliação e as respetivas causas. A apresentação por Domínios será a melhor forma de organização, podendo comparar-se domínio a domínio e fazer a leitura e conhecimento de resultados, através da explicitação dos campos de análise pelos seus referentes.

Relativamente aos efeitos globais da AEE, o grupo de Coordenadores entende que a dinâmica da Autoavaliação está implementada com resultados visíveis e que tem possibilidades de alcançar outros valores, quando todo o processo estiver mais “amadurecido” pelo alargamento do tempo de implementação.

A AEE tem tido um efeito específico na Liderança, prestando um importante contributo para a otimização da gestão dos recursos no agrupamento.

A base para a avaliação dos efeitos da AEE na Prestação do Serviço Educativo centra-se essencialmente no trabalho colaborativo dos professores no que respeita às estratégias diversificadas de ensino aprendizagem; à utilização de medidas diversificadas para a inclusão e de melhoria de resultados em crianças de risco; e à diversificação de instrumentos de avaliação;

No entender dos coordenadores, os efeitos da AEE nos resultados são, maioritariamente, fruto dos procedimentos tidos nos domínios analisados anteriormente. Quanto mais eficazes estes forem, tanto melhor serão os resultados escolares e sociais. Promovendo a equidade, a inclusão, a excelência, a participação ativa na vida do agrupamento, o cumprimento de regras, a participação solidária, o grau de satisfação da comunidade e a valorização do sucesso académico, pela sua análise poder-se-á promover ou melhorar práticas para que se alcancem melhores resultados escolares. A observação da eficácia deste processo não é imediata, crendo

que, algum tempo depois da implementação das práticas, os efeitos poderão ser mais elevados.

4.4. Dados da entrevista à direção

Neste ponto pretendemos salientar as principais ideias apuradas da entrevista, nomeadamente a opinião da diretora no que diz respeito à satisfação com a AEE, bem como com aos principais efeitos por ela causados. Por fim, fazemos uma reflexão sobre as informações recolhidas.

A AEE tem sido bastante mistificada, como sendo um processo de apontar os aspetos negativos, reinando a perspectiva inspetiva vigente durante décadas e, talvez, fomentada pela atuação da inspeção e pela necessidade de haver um efeito constante de alguma rejeição à avaliação. Ser avaliado ainda é visto como uma retaliação pela existência de processos que possam não ser os pretendidos num sistema de ensino que tinha sofrido uma convulsão após o 25 de abril, sem que tenha sido devidamente programado em ciclos de implementação. Paulatinamente, os ensinamentos dos investigadores, sobretudo baseados em modelos do norte da Europa, foram sendo adaptados à realidade portuguesa. A avaliação terá sido a última parte deste processo a ter lugar de forma sistematizada e sustentada.

Até aqui, as escolas eram “avaliadas” no seu sistema financeiro, na documentação existente e que era, sobretudo, sob a forma de registo em atas nos momentos de avaliação dos alunos e dos assuntos tratados pela hierarquia existente, desde as reuniões de conselho de turma, até ao conselho pedagógico, passando pelas reuniões de departamento e de outros segmentos do ensino como era o ensino especial ou as reuniões de diretores de turma. Não havia uma definição exata de todas as dimensões do ensino, deixando passar a imagem que o que se avaliava era um todo e que não seria possível atuar especificamente mas, só, no resultado global da escola.

Havia, mesmo, um certo clima de angústia nos momentos da “visita dos inspetores”. Talvez a não formação específica dos então conselhos diretivos contribuisse para tal. Os elementos deste órgão de gestão eram eleitos entre os pares e, não havendo especialização de nenhum deles, seguiam as normas gerais emanados do ministério, com pouca ou nenhuma autonomia.

O receio de serem encontrados pontos não favoráveis era o conceito existente entre os professores que centravam a sua função na docência, na vertente pedagógica, didática e administrativa, fazendo a ligação ao meio envolvente na função de diretores de turma.

Hoje, a avaliação é encarada, por todos os envolvidos no processo educativo que têm funções dentro da escola, como um processo dinâmico, enriquecedor, partilhado, devidamente definido

e reorganizado por ciclos com duração estabelecida. Há uma grande consciencialização de que é assim que acontece e de que assim é que deve ser.

Contudo, o processo em si não é muito conhecido pelos docentes, pelo pessoal administrativo e técnico de apoio. Há a necessidade premente de se fazer formação sobre o processo avaliativo, de se informar sobre a génese da AEE, da sua sustentação legal e técnica. As direções conhecem muito bem o processo pela dedicação e investigação, pela formação que fazem e pela constante atualização como forma de fazer evoluir os agrupamentos que dirigem. Se todo o processo começar a ser alvo de ações concertadas de informação e formação dos agentes envolvidos, os pressupostos serão cumpridos ainda com mais rigor, pela consciência plena do que se tem que fazer para se alcançar a excelência avaliativa.

No que respeita a este agrupamento, começou a criar-se uma cultura de escola há quase três décadas, em que passava a mensagem de que tudo se fazia corretamente, no sentido de uma escola mais aberta e diferente, mas que não era sustentada no papel. Tinha-se a noção do que se queria para ser melhor, para ser inovador e para nos adaptarmos à realidade da comunidade. Mas, não havia um projeto delineado, logo não se podia avaliar o processo. Era como que “uma navegação à vista”. Os ideais estavam presentes, a operacionalização fazia-se, mas não havia bases que a sustentassem, havendo o que referimos: ideais.

Estes ideais enraizavam em valores como democratização dos processos, fosse entre os servidores do ensino e os discentes, fosse entre estes, fosse dos agentes de ensino entre os seus pares, fosse da mensagem enviada da escola para a comunidade e vice-versa. E, de facto, funcionava.

Houve necessidade de regulamentar este turbilhão de conceitos e aplicação dos mesmos, de modo a poderem ser controlados, logo avaliados. A AEE tem, aqui, um papel muito importante. Os novos elementos da direção, conhecendo-se há muitos anos, partilhando as mesmas ideias e a mesma vontade, o corpo docente muito estável, por vontade própria, bem como o corpo administrativo e de apoio técnico, “deitaram mãos à obra”, coordenados pela direção, obviamente, e iniciaram a sustentação científica de todos os procedimentos que fazem este agrupamento ser conhecido por isto mesmo: por ser diferente.

A documentação, que podemos partilhar para este trabalho de “um de nós”, que está neste processo por paixão, faz parte da nossa estrutura e pode (deve) ser consultada pelos intervenientes, pois também é para isso que existe. Aqui, a AEE tem uma parte muito importante: está toda incluída em toda a documentação existente, consubstancia o trabalho que “colocamos

no terreno” e que pretendemos que seja avaliado, à luz de toda a regulamentação que lhe dá forma.

Conhecemos toda a legislação e documentação sobre estas matérias, por razões profissionais e académicas, entendemos ser preciosa e utilizamo-la como instrumento de aplicação de boas práticas de ensino, de administração e de gestão.

Todo este processo é dinâmico, havendo adaptações às realidades que vamos encontrando e que vamos construindo, sejam no plano pedagógico, científico, de gestão de meios materiais ou de pessoal, de estabelecimento de parcerias com a comunidade, inter-relacional, na procura das necessidades da realidade do meio e nas respetivas respostas, nos processos de tomada de conhecimento do que se vai realizando, no recolher da informação de volta, na criação de ambientes propícios à majoração da eficiência e da eficácia que resultem na constante melhoria dos resultados, enfim, em tudo o que envolve uma escola e os seus objetivos científicos, funcionais e sociais.

A documentação elaborada na direção segue os trâmites normais, baixando às chefias intermédias (departamentos), destes para os conselhos de disciplina, para o Conselho Geral e para as chefias administrativas e há avaliação destes processos, também com o conhecimento das famílias.

A documentação referida serve de ponto de partida para a reflexão sobre os procedimentos nos vários domínios, tendo o agrupamento um Relatório da Qualidade Educativa, elaborado trimestralmente, aquando dos momentos de avaliação dos resultados dos alunos. Este Observatório da Qualidade Educativa tem quatro versões, com adaptação ao público-alvo, como seja: docentes; administrativos e técnicos auxiliares; alunos e encarregados de educação. Assim, analisam-se as práticas, reflete-se sobre as mesmas e age-se de acordo com os resultados, sempre direcionados para evoluir em todos os domínios.

Existem, também, Planos de Melhoria, base para reflexão de melhoria ou de inclusão de novas práticas, Programa de Mentoria que pretende estimular o relacionamento entre os alunos, a EEPCE (Estratégia de Educação Para a Cidadania de Escola) e o Plano de Ação que estrutura o ano letivo, a partir do enquadramento do agrupamento na comunidade, estando todos estes documentos abertos a consulta. A gestão documental é feita pelas chefias, desde a direção às intermédias e com intervenção dos docentes e restantes elementos do agrupamento.

O agrupamento está em constante ligação com a comunidade, auscultando-a e estabelecendo parcerias que respondam às necessidades do momento e prospetivas.

Quanto a complementaridade de valências, temos uma psicóloga em permanência e um protocolo com o Centro de Recuperação Infantil, para consultas de psicologia, um terapeuta da fala e uma animadora sócio-cultural, dando resposta aos projetos que elaboramos e às necessidades que surjam. A secção de Equidade Multidisciplinar gere toda a transversalidade de conteúdos entre as variadas áreas e a coadjuvação é praticada nas disciplinas de Português, de Inglês e de Matemática, nos 2º e 3º ciclo e nas Expressões no 1º ciclo.

Quanto a avaliação, temos grupos de trabalho que analisam, propõem e gerem, como situação intermédia, o Regulamento Interno, o Projeto Educativo, o Protocolo com o Centro de Saúde e o Plano de Ação, para que tudo “seja cumprido à risca”.

Como forma complementar de ensino, ou alternativa a utilizar em caso de necessidade, utilizamos a plataforma Classroom, estando todos os docentes habilitados a fazê-lo, bem como todos os alunos, havendo computadores portáteis para todos os alunos.

A reflexão que faço sobre “o papel” da direção na AEE foca-se na extrema importância que tem, ao ser o modelo de ligação entre o agrupamento e os avaliadores externos, estando numa posição de responsabilidade sobre todos os dados fornecidos, as respostas de todos os elementos da comunidade escolar e a noção de que todo o processo terá que ter toda a transparência, para que os resultados da avaliação sejam um meio de reforçar a continuidade dos pontos fortes e a mudança ou adaptação de novos procedimentos que anulem ou corrijam os pontos fracos. A direção como conhecedora de todos os processos, das suas géneses e fundamentações e da sua implementação, é o elemento ideal por excelência para gerir, também, o processo de avaliação externa. Nunca deverá ter o papel de manobrar qualquer elemento de avaliação, de modo a mascarar alguma situação que se reconheça deveria ter sido acautelada e não o foi. A citada transparência e a cooperação são imprescindíveis neste processo.

Quanto à participação de todos os intervenientes na AEE, penso que deverá haver uma bolsa de possíveis entrevistados, sendo sorteados os necessários, de forma aleatória, para que não haja um conjunto de possíveis interesses potenciadores das respostas, se forem escolhidos pelo seu posicionamento face à cultura de escola ou outros. Todos os entrevistados devem fazer parte da estrutura do agrupamento, independentemente do tempo de serviço, da idade cronológica, do grupo de recrutamento, da função administrativa ou outra que exercem ou da conotação de amizade com as chefias, sejam do topo da hierarquia, sejam intermédias.

O agrupamento ainda não foi avaliado neste 3º ciclo de avaliação. Partilhamos e defendemos a deteção, registo e reflexão dos pontos fortes e dos pontos fracos, como forma de dar continuidade

aos procedimentos pedagógicos, científicos, administrativos, de gestão e todos os avaliados que se considerem profícuos para a evolução do agrupamento enquanto fator de primordial importância na formação dos jovens e da evolução social e económica da região e do país. Os pontos fracos terão que ser alvo de profunda atenção, de deteção das causas que perduram em não serem vantajosos para o agrupamento e anulá-los, ou adequá-los às realidades.

Os resultados das AEE realizadas no 1º e no 2º ciclo de avaliação foram muito importantes para a melhoria dos resultados dos alunos que seguem o currículo normal, com processos normais, para os alunos com necessidades educativas especiais, para a valorização das lideranças intermédias, para a harmonia entre pares, para a relação da escola com o meio, para o relacionamento com outros agrupamentos, para consolidação de métodos de ensino ou para a sua reconversão, para aferição da qualidade dos critérios de avaliação e para a prevenção do abandono escolar, pois a tomada de consciência do estado de todos estes aspetos fundamentais do ensino, pela chamada de atenção dos relatórios de avaliação, fez com que se passasse a incidir ainda com mais veemência sobre os mesmos e a implementar mais ou melhores práticas, alargar a discussão entre a comunidade e a procurar formação onde se manifestou necessária. Como qualquer processo de avaliação, entendeu-se, e continuará a entender-se, como fundamental a AEE para a melhoria do ensino e para a maior ligação de todos os intervenientes com processos avaliativos como uma dinâmica de progresso, anulando o espetro inspetivo que havia anteriormente à AEE.

O envolvimento dos profissionais incluídos diretamente na AEE, nos ciclos anteriores, foi, inicialmente, de algum receio e, à medida que os processos iam avançando, foi de participação ativa e voluntária, com plena consciência dos objetivos da mesma, pois foi notória a harmonia com as equipas avaliadoras.

Quanto à relação entre a autoavaliação e a AEE, passou a haver sintonia entre os objetivos de ambas, a perceção da componente pedagógica, evolutiva e reflexiva inerente, não entendendo qualquer delas como algo de castrador de evolução na carreira, de entrada nos processos individuais de trabalho ou de “castigo” quando nas práticas individuais ou coletivas se denotam pontos menos fortes.

Analisando os resultados do 1º ciclo de avaliação com os do 2º, apercebemo-nos que os pontos considerados como fracos foram debelados ou anulados, houve evolução nos resultados e reforçaram-se os pontos fortes, como forma de solidificação das práticas conducentes ao êxito a que o agrupamento se propõe. Os resultados refletem, também, um maior conhecimento dos processos de avaliação e dos seus objetivos, havendo respostas mais assertivas com ambos.

Um fator muito positivo da AEE foi a maior articulação entre os vários departamentos, maior transversalidade de participação, seja entre ciclos de ensino, seja entre as disciplinas. Houve outra dinâmica de formulação de critérios de avaliação e de troca de ideias, conhecimentos e de incentivos à maior participação de todos os elementos envolvidos, sobretudo na procura de mais respostas aos anseios da comunidade envolvente. Igualmente, houve uma interação mais profunda e mais voluntária entre a direção e as chefias intermédias e entre estas, fruto, também, da mudança de direção que se enquadra concetualmente nos propósitos da AEE e de uma dinâmica de abertura de comunicação, sempre vantajosa e, mesmo, necessária, por produzir conhecimento mais global de toda a vida de um agrupamento.

Um ponto também muito importante foi a cimentação da consciência da avaliação como dinâmica de evolução na gestão dos recursos humanos, terminando com o errado conceito de que avaliar pessoas e os seus produtos de trabalho é uma forma de controlo e respetivas desvantagens profissionais, quando os métodos utilizados necessitem de ser alterados. Esta mudança trouxe, às escolas, maior capacidade e vontade de interação pessoal e profissional.

Resumindo, a AEE é fundamental, a forma como está a ser processada é vantajosa, os seus objetivos são os corretos e a desmistificação da avaliação como intimidatória foi anulada.

Com base nas ideias expressas na entrevista é importante salientar que neste novo processo avaliativo, ou no processo avaliativo com propriedade da designação, há a noção de valores dinâmicos que asseguram a análise objetiva da avaliação das escolas como forma de melhorar procedimentos, de providenciar a formação de todos os agentes, de se pretender um sistema de ensino global, onde todos têm o mesmo espaço, onde a inclusão é um facto, onde todos os alunos são tratados consoante as suas capacidades, as suas pretensões e os seus direitos como cidadãos capazes de transformar a sociedade com as competências adquiridas na escola, sejam ao nível científico, seja técnico ou cívico. A escola mudou, as expectativas mudaram, a capacidade de intervenção mudou, logo a avaliação também teve que mudar, para dar resposta a esta dinâmica social.

Com todas estas vantagens das mudanças na avaliação há, contudo, alguns aspetos a ter que melhorar, muito mais na forma do que no conteúdo. Um dos exemplos é o insuficiente conhecimento que os agentes de ensino têm da avaliação, como processo e na sua divulgação. Parecendo uma meta-análise, o que se desconhece, em parte, não é só os resultados da avaliação, mas a forma como são divulgados pois, por estranho que possa parecer, eles estão patentes, para quem queira consultar, em páginas oficiais do Ministério da Educação.

No agrupamento tido como objeto de estudo, havia práticas que iniciaram um modelo diferente, despertador de olhares por essa diferença, mas não havia as bases organizativas, que dessem forma a um projeto sólido de continuidade. Com a tomada de posse da nova direção, começaram a alicerçar-se esses conceitos e as práticas, como forma, também de serem avaliadas se aquilatar da eficácia e para progressão. Começou a tomar rumo a regulamentação de todos os procedimentos diferenciados e que tornam este agrupamento alvo de referência como integrado e integrador no meio, onde intervém, dando resposta às suas necessidades e anseios.

Começou-se, exatamente, pelo estudo exaustivo da legislação que possa enquadrar estas práticas e a ordenar todos os quadrantes que compõem um sistema de ensino como é um agrupamento de escolas.

Assim, a avaliação passou a ser fundamental, nas suas duas vertentes: autoavaliação e avaliação externa. A conjugação das duas é tida como propiciadora de harmonia e de movimentos de avanço em todo o dinamismo exigido num conjunto de escolas que se querem unas nos seus objetivos e diferenciadas, conforme são diferentes os seus alunos, até pelos seus níveis de escolaridade. Os resultados das avaliações, autoavaliação e AEE, são amplamente anunciados e analisados, dando continuidade aos pontos fortes, tentando aumentá-los em número e discutindo-se os porquês dos pontos fracos, as formas de os anular e substituir por outros eficazes para o efeito.

Para tal, foi criado o Observatório da Qualidade Educativa, onde se analisam todos os domínios previstos na AEE e é composto por quatro versões, dirigidas a: docentes; pessoal não docente; alunos e encarregados de educação. Igualmente se criou um Plano de Mentoria, estimulador do bom relacionamento interpares (alunos), a EEPCE (Estratégia de Educação Para a Cidadania de Escola) e o Plano de Ação, estruturador do ano letivo, geridos por grupos de trabalho.

A reflexão sobre o papel da direção, na AEE, centra-se na ligação entre os vários elementos: avaliadores e avaliados, na assunção do conteúdo da documentação fornecida e na assunção dos resultados. A partir daqui, analisam-se atentamente e tomam-se decisões, em parceria com as lideranças intermédias que, por sua vez, são porta-voz dos restantes elementos da comunidade educativa.

O agrupamento ainda não foi avaliado no 3º Ciclo de Avaliação, sendo os do 2º e 3º Ciclos fundamentais para a análise que pretendemos e que nos serve de base para melhorar, não aceitando a forma de “escrutínio” dos componentes dos painéis existentes, incentivando os elementos mais conhecedores do processo a integrá-los, por serem mais úteis na obtenção de resultados condizentes com a realidade e profundidade que a AEE deve ter. Até agora, há a

consciência de que os aspetos a melhorar dos ciclos de avaliação anteriores já foram corrigidos e tomadas medidas para a sua não existência em avaliação futura.

A análise comparativa entre o nível de satisfação dos professores, dos coordenadores e da direção, revela que o índice de satisfação com o processo da AEE sobe, na medida do cargo que exercem. Pela análise conjunta, é consensual que este aumento de nível de satisfação se deve a um maior conhecimento de todo o processo, o que se entende, pois a coordenação de todo o processo pela direção implica isso mesmo, em relação às lideranças intermédias e aos professores. O mesmo se passa com os efeitos globais da AEE, sendo menores na opinião dos professores e crescendo gradualmente até à opinião da direção. Tal como afirmámos anteriormente, poderá dever-se à ainda insuficiente informação dos professores sobre os efeitos da AEE nos vários domínios analisados ou, então, a algum descrédito, proveniente da visibilidade nos resultados ser um processo que demorará a acontecer, naturalmente.

CONCLUSÕES

A nossa curiosidade foi acicatada perante a leitura da obra de Barreira, Bidarra, Vaz-Rebelo e Alferes, (2014), aquando da colocação em perspectiva de alguns temas para a nossa dissertação. Já tínhamos em mente a avaliação como hipótese de trabalho, pela inquietação que se nos levanta pela nossa condição profissional: professor do ensino básico (2º ciclo). Entendemos serem as constantes alterações dos resultados escolares e sociais dos alunos, mais na sua forma do que no seu conteúdo, um bom ponto de partida para reflexão. Por outro lado, uma estrutura como uma escola também nos desafiava, bem como a forma como é avaliada externamente.

O nosso estudo tem como objetivos conhecer o nível de satisfação dos docentes e das lideranças intermédias e de topo, bem como os efeitos globais que, na sua opinião, são imputados à avaliação externa nas escolas.

Para realizarmos este trabalho colocámo-nos várias possibilidades, tendo optado pelo estudo de caso, por nos parecer objetivo, pela recolha em campo real e pela possibilidade de compararmos a realidade de conhecimento, as expectativas, os receios, as vantagens e a visão tripartida do processo: professores, coordenadores de departamento e direção.

Poderíamos comparar o *status quo* da avaliação externa de escolas nos três níveis de execução profissional, praticados por pares do mesmo ofício que, embora com a mesma formação, têm funções simultaneamente iguais e diferenciadas: professores que “só dão aulas”; coordenadores que são professores e lideranças que só executam esta função.

Seria, pois, uma forma de perceber se a perspectiva da mesma situação é diferente consoante a função que desempenham.

Para levar à prática este estudo, iniciámos a revisão de literatura, dividindo-a em setores que nos ajudariam a interpretar os resultados: literatura de autores nacionais, versando a realidade portuguesa, literatura de autores estrangeiros que são referências universais; projetos colocados em prática no estrangeiro e que servem de modelo à realidade da nossa avaliação externa de escolas; legislação portuguesa sobre a matéria e os projetos que levaram à Avaliação Externa das Escolas (AEE). A tarefa estava facilitada pela excelência e abundância de literatura especializada e, sobretudo, pela organização que encontramos sobre a avaliação em Portugal, espelhada em duas obras fundamentais: “Avaliação Externa de Escolas – quadro teórico conceptual” (Pacheco, 2014) e “Estudos sobre Avaliação Externa de Escolas” (Barreira, Bidarra & Vaz-Rebelo, 2016).

Na revisão de literatura fomos ao encontro da conceptualização da avaliação, procurando os juízos avaliativos, políticos e morais, a necessidade de teorização e as metodologias, as influências que haverá nas escolas derivadas do contexto geográfico e social e das características dos professores, a avaliação como forma de reflexão sobre as práticas e de melhoria das mesmas. Para que isto aconteça, abordámos teoricamente a avaliação interna e os seus instrumentos, a avaliação externa e as consequências.

Neste ato concetual debruçámo-nos sobre a influência do meio envolvente nos resultados, na prestação dos docentes e da administração nas suas vertentes financeira e de gestão de espaço, sobre a evidência dos resultados da avaliação das escolas e na promoção que faz do ensino de qualidade.

Numa fase seguinte do trabalho, focámos a Avaliação Externa de Escolas, em Portugal, na evolução histórica, na sua estrutura e nas suas origens, nos processos e nas referências por projetos europeus e nacionais. Descrevemos, assim, os três Ciclos Avaliativos, o que lhes é comum e o que os diferencia.

Num segundo capítulo do trabalho abordámos o agrupamento alvo, caracterizando-o no seu contexto geográfico e social, a sua génese e evolução, enquanto forma de transição dos seus alunos para a vida ativa e a aceitação e incentivo que a sociedade lhe transmite. Abordámos, também, os dois ciclos de avaliação externa e o caminho percorrido em termos de autoavaliação. Como a agrupamento, à altura do estudo, não tinha sido ainda avaliado no 3º Ciclo Avaliativo, transcrevemos a forma como o mesmo se estava a preparar para dar resposta às questões levantadas posteriormente, no momento da avaliação, pela análise do Projeto Educativo (PE), na sua missão, no diagnóstico para a sua elaboração, através de inquéritos aos encarregados de educação e aos alunos, com um conjunto de questões semelhantes, como forma de aquilatar da visão de ambos os grupos, pela análise transversal das respostas.

Passada esta fase da informação do conteúdo do PE, referimos os seus objetivos, as metas e as estratégias para as alcançar, abordando questões como a organização do processo de ensino-aprendizagem, a autonomia e flexibilidade curricular e a autoavaliação.

No capítulo III informamos sobre a metodologia utilizada no trabalho, referindo os instrumentos de recolha de dados, a sua forma de implementação e a caracterização dos participantes.

A análise de dados dos participantes revela-nos que a maioria dos professores respondentes são do género feminino, de acordo com a realidade do ensino em Portugal e com mais de quarenta anos, havendo cerca de um terço com mais de cinquenta anos. Quase metade possui como

habilitações literárias a licenciatura e os restantes mestrados e doutoramentos, sendo poucos mestrados já no regime de Bolonha e o tempo de serviço é muito extenso, sendo que 96% têm mais de dezasseis anos nesta situação profissional.

Todos os níveis de ensino e grupos de recrutamento estão representados e cerca de dois terços dos inquiridos fazem parte do quadro de agrupamento, exercendo equalitariamente os cargos inerentes às funções. As ações de formação frequentadas são, na sua maioria, de longa duração.

Dada a importância da informação sobre a AEE, questionámos sobre esta matéria, concluindo que o agrupamento foi avaliado nos 1º e 2º Ciclos de Avaliação, não o tendo, obviamente, sido no 3º momento e cerca de 60% dos professores foram indicados pela direção, como representantes em painel, verificando-se a mesma percentagem dos docentes que aí estiveram como convidados pela equipa de avaliadores. Somente, um terço dos professores teve aulas observadas para efeitos da AEE. Quanto aos docentes que foram inquiridos por questionário, fica-se pela metade dos respondentes ao questionário, sendo residual (5%) os que o foram mais do que uma vez. O desconhecimento do Contraditório apresentado pelo agrupamento é demasiado elevado (72%), pese o facto de este ser do conhecimento das lideranças intermédias que o devem dar a conhecer a todos os elementos de todos os departamentos curriculares.

No capítulo da verificação de dados analisamos e interpretamos os resultados dos inquéritos aos professores, inquéritos e entrevista em grupo aos coordenadores e inquérito e entrevista à diretora.

Nas quinze questões colocadas por inquérito aos professores sobre o Nível de Satisfação com o processo de AEE, verificamos que seis das respostas têm Nível Baixo (Preparação da Atividade pelo IGEC, Observação da Prática Letiva, Participação e Envolvimento dos Professores no Processo, Adequação da AEE às Especificidades do Agrupamento, Interação da Equipa de Avaliadores Externos com a Comunidade e Modalidade de Divulgação dos Resultados no Agrupamento), seis com Nível Satisfatório (Preparação Para a Atividade feita pelo Agrupamento, Informação da AEE ao Agrupamento, Metodologia do Agrupamento Utilizada na Avaliação, Credibilidade da Equipa de AEE, Clareza e Informação do Relatório de AEE e Processo Global de AEE). Com Nível de Satisfação Elevado temos três respostas: Constituição da Equipa de Avaliadores, Informação no Portal Inforescolas sobre os Resultados da AEE e Descritores da Escala de Avaliação. Como nota a salientar pela positiva, está a Preparação da Atividade pelo Agrupamento que os professores dizem alcançar um nível elevado de satisfação, fazendo acreditar que os resultados alcançados no primeiro momento de avaliação serviram de

reflexão para os seguintes, embora o terceiro momento ainda não tenha sido realizado. Tal observação reflete a esperança numa boa avaliação futura.

Passando aos gráficos sobre o Nível de Satisfação sobre os Efeitos Globais da AEE nas Escolas/Agrupamentos, a análise leva-nos a concluir haver uma situação merecedora de reflexão: os níveis de satisfação são apenas expressos como baixo e elevado, não havendo qualquer resposta considerada com nível moderado. As cinco respostas de Nível de Satisfação Baixo são os Efeitos da AEE no Processo de Avaliação dos Professores, o Efeito no Desenvolvimento Organizacional do Agrupamento quanto às Lideranças e Gestão, o Efeito na Prestação do Serviço Educativo, o Efeito nos Resultados Escolares e nos Processos de Mudança nos Resultados Escolares. Alcança-se Nível de Satisfação Elevado nos Processos de Mudança na Liderança e Gestão e nos Processos de Mudança na Prestação do Serviço Educativo.

As respostas do Inquérito aos Coordenadores sobre o Nível de Satisfação com o Processo de AEE têm Nível Moderado quanto à Preparação da Atividade feita pelo Agrupamento, Preparação da Atividade Realizada pelo IGEC, Informação sobre o Processo de AEE, Adequação às Especificidades do Agrupamento, Constituição da Equipa de Avaliadores, Interação da Equipa de Avaliadores Externos com a Comunidade Educativa, Metodologia utilizada pelo Agrupamento, Modalidade de Divulgação pelo Agrupamento, Credibilidade da Equipa de AEE, Clareza e Informação do Relatório de AEE, Processo de Autoavaliação dos Professores, Desenvolvimento Organizacional do Agrupamento na Liderança e Gestão e na Prestação do Serviço Educativo. As respostas com Nível de Satisfação Elevado são a Informação no Portal Infoescolas, os Descritores da Escala de Classificação e o Nível Global do Processo de AEE. O Nível Baixo foi atribuído à influência da AEE nos Resultados Escolares.

Abordando a entrevista e o inquérito aos coordenadores, colocam-se-lhes questões divididas em parâmetros que compreendem os documentos internos, documentos do próximo ciclo avaliativo (3º) e processo de autoavaliação, em que se extraem conclusões como o seu nível de satisfação moderado com a preparação para a avaliação externa. O nível baixo de satisfação com o conhecimento do processo de AEE é generalizado entre estas lideranças intermédias o que dificultará o passar do conhecimento aos restantes professores, não se podendo atribuir a falta deste conhecimento a falta de informação, pois reconhecem existir em quantidade suficiente, como exemplificam com o Portal Infoescolas, sendo o desinteresse a causa principal. Reconhecem, mesmo, que a informação aí prestada é vasta, profunda e precisa.

A forma como é atribuída a classificação, por domínios, através de cinco níveis, proporcionando clareza e exatidão, leva-os ao nível de satisfação elevado.

Interessante a perspectiva dos coordenadores sobre a metodologia da preparação para o ciclo avaliativo, por parte do agrupamento, que optámos por designar de misto de vertical e horizontal, expressa na recolha e análise inicial pela direção de toda a documentação necessária e passagem às lideranças intermédias para levar a conhecimento e a discussão em reuniões de departamento e de disciplina. Consideram como nível de satisfação elevado esta metodologia. Igualmente concordam unanimemente que se alcança este nível de satisfação elevado na forma de divulgação de resultados pelo agrupamento, sob a coordenação da diretora, havendo uma comissão colegial para elaborar um possível contraditório.

A forma e o conteúdo dos resultados da avaliação externa das escolas são vistos com nível de satisfação elevado, pela comparação possível domínio a domínio, pela clareza da linguagem e pela clarividência dos aspetos avaliados.

No que respeita ao nível de satisfação com os efeitos globais da AEE, o grupo estabelece-o como moderado, apenas pela necessidade de “amadurecimento” do processo.

Finalmente, entendem ser moderado o nível de satisfação do efeito sobre os resultados escolares, pelo facto de eles se refletirem apenas a mais longo prazo, necessitando desta verificação mais consistente.

Finalmente, a entrevista à diretora do agrupamento leva-nos a concluir pelo elevado nível de satisfação em todos os parâmetros analisados, fazendo um retrato histórico da avaliação das escolas, inicialmente, focando o carácter inspetivo havido durante décadas que “mistificou” e provocou rejeição de todo o processo. Enalteceu o trabalho dos investigadores que “foram beber” muito a projetos europeus e os adaptaram e desenvolveram, de acordo com a nossa realidade. A “avaliação” como verificação do aspeto financeiro, da documentação e dos resultados dos alunos não dava a noção da dimensão exata do estado do ensino em Portugal. Fala, mesmo da angústia que estes procedimentos provocavam e que eram plasmados por uma expressão corrente: “a visita dos inspetores”. Um dos contributos para a existência desta situação, considera a diretora, era a não formação específica dos conselhos diretivos. Era, por tudo isto, ineficaz.

Ao contrário, considera que hoje o processo de avaliação externa das escolas é dinâmico, enriquecedor, partilhado e bem definido, sobretudo pela estrutura cíclica que lhe confere uma função pedagógica.

O seu nível de satisfação relativamente ao conhecimento que os professores têm da AEE é baixo, apontando a necessidade de haver formação no sentido de sensibilizar e enriquecer este aspeto, devendo ser formação estrutural e permanente.

Sobre o efeito do impacto da avaliação externa no agrupamento, a diretora atribui nível de satisfação elevado, pois a AEE é parceira, nos seus pressupostos, com a cultura do agrupamento que dirige.

Como suporte da perspetiva que tem da AEE, apresentou todo o processo de preparação para o 3º ciclo avaliativo, especificando os objetivos de cada documento que abarcam os domínios que são avaliados, no sentido de sensibilizar os agentes de ensino para a melhoria das práticas.

Pretendendo resumir os níveis de satisfação dos intervenientes neste estudo, podemos concluir que o nível de satisfação geral, seja com o processo de avaliação seja com o seu impacto, ele situa-se no moderado, posicionando-se os níveis baixos encontrados na esfera dos professores, o moderado nas lideranças intermédias e elevado para a diretora. A razão que percebemos é o maior conhecimento de todo o processo de AEE.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

Barreira, Carlos; Bidarra, M^a da Graça; Vaz-Rebelo, M^a da Piedade (2016) – Estudos Sobre Avaliação Externa de Escolas (1^a edição) – Coleção Educação e Formação, Porto Editora, Lda

C. Leite; P. Fernandes (2010) – Desafios aos Professores na Construção das Mudanças Educacionais e Curriculares – Educação Revistas Electrónicas. br

Dias Sobrinho, J. (2003) – Avaliação da educação Superior Regulação e Emancipação – Revista de Avaliação da Educação Superior

Donaldson, S.I. & Lipsey, M.W. (2006) – Roles for theory in contemporary evaluation practice – The Handbook of Policies and Practices - London

European Commission/EACEA/Eurydice (2015) – Assuring Quality in Education: Policies and Approaches to School Evaluation – (Org) – Publications Office of the European Union

Ozga, Jenny (2009) – Governing Education Through Data in England From Regulation to Self Evaluation – Published Online

Pacheco, J. A. (Org.) (2014) – Avaliação Externa de Escolas: quadro técnico/conceitual – Coleção Educação e Formação, Porto Editora, Lda

Stake, R.E. (2006) – Multiple Case Study Analysis – The Guilford Press – New York

Stufflebeam, Daniel (2003) – The CIPP Model for Evaluation – Kluwer International Handbooks of Evaluation (volume 9)

Yin, Robert K. (2012) – Applications of Case Study Research (3rd edition) – Sage Edition

PUBLICAÇÕES OFICIAIS CONSULTADAS

- Avaliação Externa das Escolas – Relatório Nacional 2006/2007 (2007) – Ministério da Educação
- Avaliação Externa das Escolas – Relatório Nacional 2007/2008 (2008) – Ministério da Educação
- Avaliação Externa das Escolas – Relatório Nacional 2008/2009 (2009) – Ministério da Educação
- Avaliação Externa das Escolas – Relatório Nacional 2009/2010 (2010) – Ministério da Educação
- Avaliação Externa das Escolas – Relatório Nacional 2010/2011 (2011) – Ministério da Educação
- Avaliação Externa das Escolas – Relatório Nacional 2011/2012 (2012) – Ministério da Educação
- Avaliação Externa das Escolas – Relatório Nacional 2012/2014 (2014) – Ministério da Educação
- Avaliação Externa das Escolas – avaliar para a melhoria e a confiança 2006/2011 (2011) – Ministério da Educação
- Avaliação Externa das Escolas – Relatório Nacional 2011/2012 (2012) – Ministério da Educação
- Avaliação Integrada das Escolas – relatório nacional (2001) – Inspeção-Geral da Educação – Ministério da Educação
- Azevedo, J.M., Carravilha, M.A., Clímaco, M.C., Oliveira, J.F., Oliveira, P.G., C, Sarrico, C. (2006) Relatório Final da Actividadedo Grupo de Trabalho para Avaliação das Escolas – Ministério da Educação
- Conselho Nacional de Educação (2010) – Pareceres – Editoria do Ministério da Educação
- How Good is Our School? 4th Edition (2015) – Education Scotland
- Propostas para um novo ciclo de Avaliação Externa das Escolas (2011) – Grupo de Trabalho para a Avaliação Externa das Escolas – Ministério da Educação

LEGISLAÇÃO CONSULTADA

Despacho conjunto nº 370/2006, de 5 de abril de 2006 – Ministério da Educação

Diário da República, série I, nº 237/1986, de 14/10/1986, Lei de Bases do Sistema Educativo

Diário da República, série I, nº 294/2002 – Ministério da Educação, Dec. Lei 31/2020,
Avaliação da Educação e do Ensino não Superior

Diário da República, 1ª série – A, nº 249 – Ministério da Educação, Dec. Lei 125/2011, de
29/12/2011

Relatório Final da Atividade do Grupo de Trabalho para Avaliação das Escolas – Oliveira,
Clímaco, Carravilha, Sarrico, Azevedo e Oliveira (Dezembro 2006)

ANEXOS

Anexo 1

1.1.1. Questionário sobre Avaliação Externa das Escolas

(questionário em formato Word)

Este questionário integra-se no Projeto de Investigação Mecanismos de Mudança nas Escolas e na Inspeção. (demorará cerca de 10 minutos a ser preenchido)

É um estudo sobre o 3.º ciclo de Avaliação Externa de Escolas do

Ensino não Superior, em Portugal (MAEE) - PTDC/CED-EDG/30410/2017 e tem como objetivos conhecer o grau de satisfação dos docentes e dos diretores com o processo de avaliação externa das escolas, bem como identificar efeitos e mecanismos de mudança da avaliação externa, com especial enfoque neste 3.º ciclo avaliativo.

Está incluído na minha Dissertação de Mestrado em Supervisão Pedagógica e Formação de Formadores, na Faculdade de Psicologia e Ciências da Educação da Universidade de Coimbra.

Sou professor do Grupo 210, com 39 anos de serviço.

É neste contexto que solicitamos a sua colaboração, através da resposta às questões que se seguem, sendo assegurados a confidencialidade e anonimato dos dados obtidos, de acordo com o RGPD.

A sua participação é fundamental e que agradecemos por antecipação, numa fase tão especial das nossas vidas e da nossa nobre missão como professores.

Igualmente, solicitamos a brevidade que lhe seja possível, pois a situação de confinamento limitou-nos muito no tempo disponível.

Desejando um novo ano letivo com sucesso e, sobretudo, saúde, sou: António Manuel de Sousa Girão, CC 4193857.

Caso deseje algum esclarecimento adicional, pode contactar, através do email:
agiraocieneduc@gmail.com

* OBRIGATÓRIO responder (quando marcado com asterisco)

Grupo I - Para efeitos de tratamento estatístico, solicitamos os seguintes dados

1. Género *

feminino

masculino

2. Idade *

entre 25 e 40

entre 41 e 50

entre 51 e 60

mais de 60

3. Habilitações académicas que possui *

bacharelato

licenciatura

pós-graduação

mestrado

doutoramento

4. Tempo de serviço docente até 31 de agosto de 2020 (em anos) *

até 15

de 16 a 25

de 26 a 35

mais de 35

5. Nível(eis) de ensino em que trabalha. *

Pré-escolar

1º ciclo

2º ciclo

3º ciclo

6. Grupo de recrutamento *

7. Situação profissional *

contratado

quadro de zona pedagógica (QZP)

quadro de escola ou agrupamento

8. Indique a unidade orgânica em que exerce a sua atividade profissional *

AE - agrupamento de escolas

ENA - escola não agrupada

particular

cooperativa

outra

9. Se exerce cargos atualmente na escola/agrupamento de escolas, indique quais *

diretor(a)

coordenador(a) de departamento curricular

coordenador(a) de diretores de turma

diretor(a) de turma

coordenador(a) da EMAEI

coordenador(a) de estabelecimento

coordenador(a) de projetos

presidente do conselho geral

membro da equipa de apoio à direção

membro do conselho pedagógico

membro da equipa de autoavaliação

bibliotecário(a)

nenhum

Outro:

10. Refira-se à formação efetuada ao longo da sua carreira, indicando as áreas de formação, duração e natureza

longa duração
curta duração (3 a 6h)
pós-graduação
mestrado
doutoramento
administração e gestão escolar
supervisão pedagógica/formação de formadores
avaliação pedagógica
avaliação de professores
longa duração
curta duração (3 a 6h)
pós-graduação
mestrado
doutoramento
administração e gestão escolar
supervisão pedagógica/formação de formadores
avaliação pedagógica
avaliação de professores

11. Região de Portugal onde se localiza a escola/agrupamento em que exerce *

norte
centro
área metropolitana de Lisboa
Alentejo
Algarve

12. Quais os níveis de ensino que integram o seu agrupamento *

pré-escolar e 1º CEB
2º e/ou 3º CEB
secundário
cursos profissionais

13. Quantas escolas integram o seu agrupamento *

até 5

6 a 10

mais de 10

14. Desde 2006, quantas vezes o seu agrupamento já foi alvo de um processo de Avaliação Externa de Escolas *

1 ou 2

3 ou 4

5 ou mais

não sei

15. Quantas vezes participou numa entrevista em "painel" designado(a) pela direção *

1 ou 2

3 ou 4

5 ou mais

Nenhuma

16. Quantas vezes participou numa entrevista em "painel" convidado(a) pela equipa da AAE *

1 ou 2

3 ou 4

5 ou mais

Nenhuma

17. Quantas vezes participou como professor (a) com aula observada *

1 ou 2

3 ou 4

5 ou mais

Nenhuma

18. Quantas vezes foi inquirido(a) por questionário no âmbito de uma AAE *

1 ou 2

3 ou 4

5 ou mais

Nenhuma

19. A escola/agrupamento elaborou contraditório(s) na sequência da AAE *

não sei

não

sim

outro

20. Se respondeu SIM na pergunta anterior, em que ciclo da AAE

1º ciclo de AAE (2006-2011)

2º ciclo de AAE (2011-2017)

3º ciclo de AAE (2018...)

Solicitamos que responda às questões que seguem relativamente ao Grau de Satisfação com o processo de Avaliação Externa de Escolas (AAE), assinalando a sua resposta de acordo com Escala Adotada:

N - nulo/nenhum

P - pouco

M - moderado

E - elevado

ME - muito elevado

NS/NE - não sei/não estive envolvido(a)

21. Preparação da atividade de avaliação que é feita na escola *

N - nulo/nenhum

P - pouco

M - moderado

E - elevado

ME - muito elevado

NS/NE - não sei/não estive envolvido(a)

22. Preparação da atividade de avaliação que é realizada pelo IGEC (Inspeção-Geral da Educação e Ciência) *

N - nulo/nenhum

P - pouco

M - moderado

E - elevado

ME - muito elevado

NS/NE - não sei/não estive envolvido(a)

23. Introdução da observação na prática letiva *

N - nulo/nenhum

P - pouco

M - moderado

E - elevado

ME - muito elevado

NS/NE - não sei/não estive envolvido(a)

24. Participação/envolvimento dos professores no processo de AAE *

N - nulo/nenhum

P - pouco

M - moderado

E - elevado

ME - muito elevado

NS/NE - não sei/não estive envolvido(a)

25. Sessão de apresentação da escola quanto ao desenvolvimento do processo de AAE *

N - nulo/nenhum

P - pouco

M - moderado

E - elevado

ME - muito elevado

NS/NE - não sei/não estive envolvido(a)

26. Informação sobre o processo de AAE *

N - nulo/nenhum

P - pouco

M - moderado

E - elevado

ME - muito elevado

NS/NE - não sei/não estive envolvido(a)

27. Adequação da AAE às especificidades da escola em que leciona *

N - nulo/nenhum

P - pouco

M - moderado

E - elevado

ME - muito elevado

NS/NE - não sei/não estive envolvido(a)

28. Entrevistas realizadas aos diferentes intervenientes educativos *

N - nulo/nenhum

P - pouco

M - moderado

E - elevado

ME - muito elevado

NS/NE - não sei/não estive envolvido(a)

29. Constituição da equipa de avaliadores *

N - nulo/nenhum

P - pouco

M - moderado

E - elevado

ME - muito elevado

NS/NE - não sei/não estive envolvido(a)

30. Interação da equipa de avaliadores externos com a comunidade educativa *

N - nulo/nenhum

P - pouco

M - moderado

E - elevado

ME - muito elevado

NS/NE - não sei/não estive envolvido(a)

31. Informação que consta no portal INFOESCOLAS da DGEEC, sobre os resultados escolares

*

N - nulo/nenhum

P - pouco

M - moderado

E - elevado

ME - muito elevado

NS/NE - não sei/não estive envolvido(a)

32. Descritores da escala de classificação (marcar apenas uma hipótese) *

N - nulo/nenhum

P - pouco

M - moderado

E - elevado

ME - muito elevado

NS/NE - não sei/não estive envolvido(a)

33. Metodologia da escola/agrupamento utilizada na avaliação *

N - nulo/nenhum

P - pouco

M - moderado

E - elevado

ME - muito elevado

NS/NE - não sei/não estive envolvido(a)

34. Modalidade de divulgação dos resultados da AAE, na escola/agrupamento *

N - nulo/nenhum

P - pouco

M - moderado

E - elevado

ME - muito elevado

NS/NE - não sei/não estive envolvido(a)

35. Credibilidade da equipa da AAE na escola/agrupamento *

N - nulo/nenhum

P - pouco

M - moderado

E - elevado

ME - muito elevado

NS/NE - não sei/não estive envolvido(a)

36. Duração da presença da equipa de AAE na escola *

N - nulo/nenhum

P - pouco

M - moderado

E - elevado

ME - muito elevado

NS/NE - não sei/não estive envolvido(a)

37. Clareza e informação do relatório de AAE *

N - nulo/nenhum

P - pouco

M - moderado

E - elevado

ME - muito elevado

NS/NE - não sei/não estive envolvido(a)

38. Processo global de AAE marcar *

N - nulo/nenhum

P - pouco

M - moderado

E - elevado

ME - muito elevado

NS/NE - não sei/não estive envolvido(a)

39. Outros comentários e sugestões relativamente ao grau de satisfação com o processo de AAE.

Grupo III - EFEITOS GLOBAIS da AAE nas escolas/agrupamentos

Solicitamos que responda, também, às questões sobre os Efeitos Globais da AAE, de acordo com a Escala Adotada

Nulo/nenhum

Pouco elevado

Moderadamente elevado

Elevado

Muito elevado

Não sei/não estive envolvido(a).

40. Qual o efeito da AAE no processo de Autoavaliação (de professores) *

Nulo/nenhum

Pouco elevado

Moderadamente elevado

Elevado

Muito elevado

Não sei/não estive envolvido(a)

41. Refira, por favor, duas características e/ou processos de mudança na Autoavaliação, fruto da AEE *

Sua resposta

42. Qual o efeito do processo da AEE no desenvolvimento organizacional da escola (Liderança e Gestão) *

Nulo/nenhum

Pouco elevado

Moderadamente elevado

Elevado

Muito elevado

Não sei/não estive envolvido(a)

43. Qual o efeito da AEE na Prestação do Serviço Educativo *

Nulo/nenhum

Pouco elevado

Moderadamente elevado

Elevado

Muito elevado

Não sei/não estive envolvido(a)

44. Refira, por favor, duas caraterísticas e/ou processos de mudança na Liderança e Gestão, fruto da AEE *

45. Refira, por favor, duas caraterísticas e/ou processos de mudança na Prestação do Serviço Educativo, fruto da AEE *

46. Qual o efeito da AAE nos resultados escolares *

Nulo/nenhum

Pouco elevado

Moderadamente elevado

Elevado

Muito elevado

Não sei/não estive envolvido(a)

47. Refira, por favor, duas caraterísticas e/ou processos de mudança nos Resultados Escolares, fruto da AEE *

Colegas, é com um sentimento de profunda gratidão que Vos agradeço pela ajuda que me deram, ao preencheram este questionário, numa fase de tanto trabalho! Muito Obrigado.

Anexo 2

Guião da entrevista à diretora

Tema da tese: A influência da avaliação externa na melhoria contínua das escolas: perceção de diferentes intervenientes educativos numa unidade de gestão

Questão Central: Quais são as consequências da avaliação externa para a melhoria contínua da escola?

A partir desta questão central, outras se colocam:

- Que efeitos são produzidos a nível organizacional?
- Que mudanças ocorrem a nível curricular e pedagógico?
- Quais os efeitos nos resultados académicos e sociais?
- Que consequências para a relação da escola com a comunidade?
- Que mudanças ocorrem na autoavaliação do agrupamento/escola não agrupada?
 - Há um conjunto de processos de melhoria que são seguidos?
 - Existe uma cultura de melhoria?

Objetivo geral: Determinar as consequências da avaliação externa para a melhoria sustentada numa ENAAE.

Objetivos específicos:

- Caracterizar o contexto atual da ENAAE;
- Inferir o grau de apropriação dos referenciais vindos de processos de avaliação externa e de acompanhamento externo da ação educativa;
 - Determinar os efeitos da avaliação externa na ENAAE a nível: organizacional, curricular e pedagógico, da relação da ENAAE com a comunidade, dos resultados académicos e sociais, da autoavaliação e do quadro de referência para a melhoria eficaz da escola, resultante dos trabalhos do projeto *ESI* (Reezigt & Creemers, 2005);
- Compreender quais as mudanças reais na ENAAE em consequência da avaliação externa.

Legitimação da entrevista:

- Exposição clara ao entrevistado das questões de pesquisa e dos objetivos da investigação;
 - Garantia do anonimato e confidencialidade dos dados;
 - Solicitação de autorização para a gravação;
- Envio da transcrição do áudio ao entrevistado para leitura e eventuais retificações.

QUESTÕES ORIENTADORAS	OBJETIVOS ESPECÍFICOS	FORMULÁRIO DE QUESTÕES
<p>A avaliação externa contribui para a melhoria sustentada da escola?</p>	<ul style="list-style-type: none"> • Obter a opinião do entrevistado sobre os processos de AEE ocorridos. 	<ol style="list-style-type: none"> 1. Que leitura faz dos processos de AEE ocorridos na escola? <ol style="list-style-type: none"> a) Como vê a importância da participação do diretor nos processos de AEE? b) Que apreciação faz sobre a importância da participação dos elementos entrevistados, pelas equipas de AEE, nos diversos painéis? c) Qual foi o seu envolvimento nos processos de AEE? d) No seu entender, como foi realizada a apropriação, publicitação e debate dos relatórios das AEE? e) Como vê a identificação clara dos pontos fortes, das fragilidades, das oportunidades e dos constrangimentos presentes na escola? f) Qual a sua opinião sobre a realidade da escola apresentada nos resultados das AEE? g) Os resultados das AEE realizadas foram considerados para a elaboração e implementação de estratégias de melhoria? Por exemplo, o que se fez ou não se fez relativamente a: <ol style="list-style-type: none"> g1) Melhoria dos resultados dos alunos; g2) Alunos com dificuldades de aprendizagem; g3) Alunos com necessidades educativas especiais; g4) Prevenção da desistência/abandono escolar; g5) Valorização das lideranças intermédias; g6) Eficácia na comunicação; g7) Desenvolvimento de projetos e parcerias; g8) Relação com os pais e EE;

		<p>g9) Relação com a comunidade envolvente; g10) Relação com diretores de outras escolas; g11) Supervisão dos docentes;</p> <p>g12) Métodos de ensino; g13) Critérios de avaliação;</p> <p>g14) Outros tópicos que entenda referir.</p> <p>h) Como vê a colaboração entre os docentes na implementação das decisões tomadas a partir das avaliações externas realizadas?</p> <p>i) Que apreciação faz sobre as melhorias introduzidas na escola que derivam da sua participação nos processos de avaliação externa?</p> <p>j) Reflita um pouco sobre os fatores que considera mais inibidores ou mais potenciadores do impacto das AEE. Por exemplo, fatores como:</p> <p>j1) O envolvimento das pessoas nos processos; j2) As relações com as equipas de AEE;</p> <p>j3) A objetividade/subjetividade dos processos de AEE; j4) A articulação entre a avaliação interna/autoavaliação e a avaliação externa;</p> <p>j5) Outros que entenda mencionar. (continua na página seguinte)</p>
--	--	------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------

QUESTÕES ORIENTADORAS	OBJETIVOS ESPECÍFICOS	FORMULÁRIO DE QUESTÕES
<p>A avaliação externa contribui para a melhoria sustentada da escola?</p>	<ul style="list-style-type: none"> • Recolher a opinião sobre os resultados obtidos na 2.^a AEE, partindo dos resultados alcançados na 1.^a AEE. • Obter a opinião sobre os resultados obtidos na 3.^a AEE, partindo dos resultados alcançados na 2.^a AEE. 	<p>(continuação da página anterior)</p> <ol style="list-style-type: none"> 2. Qual a sua opinião sobre os resultados obtidos na 2.^a AEE, partindo dos resultados alcançados na 1.^a AEE? <ol style="list-style-type: none"> a) Que apreciação faz sobre os resultados obtidos no domínio “Resultados”? b) Como vê os resultados obtidos no domínio “Prestação do serviço educativo”? c) Que apreciação faz sobre os resultados obtidos no domínio “Liderança e gestão”? 3. Qual a sua opinião sobre os resultados obtidos na 3.^a AEE, partindo dos resultados alcançados na 2.^a AEE? <ol style="list-style-type: none"> a) Que apreciação faz sobre os resultados obtidos no domínio “Resultados”? b) Como vê os resultados obtidos no domínio “Prestação do serviço educativo”? c) Que apreciação faz sobre os resultados obtidos no domínio “Liderança e gestão”? d) Que leitura faz sobre os resultados obtidos no domínio “Autoavaliação”?

	<ul style="list-style-type: none">• Identificar as ideias do entrevistado sobre a influência das AEE no percurso de melhoria da escola.	<p>4. Como vê a influência das AEE no percurso de melhoria da escola?</p> <p>a) Que mudanças foram produzidas, na sequência das AEE, ao nível organizacional da escola? Por exemplo, o que mudou ou não mudou a nível:</p> <p>a1) Da articulação entre os órgãos de direção, administração e gestão (conselho geral, diretor, conselho pedagógico e conselho administrativo);</p> <p>a2) Da articulação entre o diretor e equipa diretiva e as lideranças intermédias (ex.: coordenadores, delegados de grupo, diretores de turma, diretores de curso, entre outros);</p> <p>a3) Do empenho dos coordenadores e dos delegados de grupo;</p> <p>a4) Do desenvolvimento de estratégias inovadoras; a5) Da supervisão pedagógica e orientação educativa;</p> <p>a6) Da gestão dos recursos humanos (docentes e não docentes);</p> <p>a7) Das relações interpessoais, nomeadamente, existência ou não de um clima aberto e colegial que torne o pensamento profissional e a aprendizagem explícitos;</p> <p>a8) Da gestão dos recursos físicos e materiais;</p> <p>a9) Da formação de recursos humanos (docentes e não docentes);</p> <p>a10) Da avaliação do desempenho do diretor; a11) Da avaliação do desempenho docente;</p> <p>a12) Das remunerações e/ou bónus auferidos pelos professores;</p> <p>a13) Do orçamento da escola; a14) Outro(s) que queira referir.</p> <p>(continua na página seguinte)</p>
--	-------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------	---------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------

QUESTÃO ORIENTADORA	OBJETIVOS ESPECÍFICOS	FORMULÁRIO DE QUESTÕES
<p>A avaliação externa contribui para a melhoria sustentada da escola?</p>	<ul style="list-style-type: none"> • Identificar as ideias do entrevistado sobre a influência das AEE no percurso de melhoria da escola. 	<p>(continuação da página anterior)</p> <p>b) Como vê a influência das AEE a nível curricular e pedagógico, incluindo:</p> <p>b1) Departamentos;</p> <p>b2) Grupos disciplinares; b3) Planificação de aulas;</p> <p>b4) Colaboração entre os docentes; b5) Materiais e recursos;</p> <p>b6) Articulação e sequencialidade;</p> <p>b7) Aferição dos critérios de avaliação; b8) Supervisão pedagógica;</p> <p>b9) Estratégias na sala de aula para melhoria dos resultados académicos dos alunos;</p> <p>b10) Apoio prestado aos professores para melhorarem as suas competências de ensino;</p> <p>b11) Acompanhamento da prática letiva na sala de aula; b12) Outro(s) que entenda mencionar.</p> <p>c) Que opinião tem sobre a influência das AEE nos resultados académicos e sociais dos alunos?</p> <p>d) Na sua opinião, qual a influência das AEE na participação dos pais e encarregados de educação no acompanhamento direto dos seus educandos?</p> <p>e) E na participação dos pais e EE nas atividades da escola?</p> <p>f) Como analisa a influência das AEE na relação da escola com a comunidade envolvente (autarquia, empresas, associações), por exemplo, ao nível:</p> <p>f1) Das parcerias estabelecidas com vista à prossecução dos objetivos do projeto educativo;</p> <p>f2) Da participação e contributo da escola para o desenvolvimento da comunidade;</p>

		<p>f3) Da valorização do papel da escola na educação e formação dos alunos;</p> <p>f4) De outros aspetos que entenda mencionar.</p> <p>g) Os modelos de AEE estão presentes na forma como reflete sobre a escola?</p> <p>h) Que apreciação faz sobre a apropriação pela escola dos referenciais utilizados na AEE?</p> <p>i) Como aprecia a influência das AEE no processo de avaliação interna/autoavaliação da escola, nomeadamente a nível:</p> <p>i1) Da realização da avaliação interna/autoavaliação de um modo sistemático;</p> <p>i2) Da elaboração, pela equipa de avaliação interna/autoavaliação, de planos e outros documentos com ações de melhoria;</p> <p>i3) Da monitorização, pela equipa de avaliação interna/autoavaliação, da execução de ações de melhoria;</p> <p>i4) Da produção de outros efeitos, por parte da avaliação interna/autoavaliação, na autorregulação da escola;</p> <p>i5) Da mais-valia da equipa de avaliação interna/autoavaliação para a escola.</p> <p>(continua na página seguinte)</p>
--	--	-------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------

QUESTÃO ORIENTADORA	OBJETIVOS ESPECÍFICOS	FORMULÁRIO DE QUESTÕES
<p>A avaliação externa contribui para a melhoria sustentada da escola?</p>	<ul style="list-style-type: none"> • Identificar as ideias do entrevistado sobre a influência das AEE no percurso de melhoria da escola. 	<p>(continuação da página anterior)</p> <ul style="list-style-type: none"> j) Como analisa a influência das AEE na avaliação das necessidades de melhoria (diagnóstico dos problemas a resolver)? k) E na definição de objetivos detalhados a partir do diagnóstico dos problemas a resolver? l) Que apreciação faz sobre a influência das AEE na planificação das atividades de melhoria, por exemplo, no âmbito do plano de melhoria, do programa de acompanhamento da ação educativa e do plano de ação estratégico? m) E na implementação das atividades de melhoria? <ul style="list-style-type: none"> n) Como vê a influência das AEE na avaliação e reflexão sobre as atividades de melhoria implementadas? o) Que apreciação faz sobre a influência das AEE na pressão interna para a melhoria? p) Como acha que as AEE influenciam a autonomia usada pelas escolas? q) Qual a sua opinião sobre a influência das AEE na visão comum entre todos os membros da comunidade educativa? r) Como acha que as AEE influenciam na vontade para a escola ser uma organização aprendente? s) Como vê a influência das AEE na apropriação da melhoria, envolvimento e motivação?

Anexo 3

Guião da entrevista ao grupo de coordenadoras/coordenadores e delegadas/delegados de grupo

Tema da tese: A influência da avaliação externa na melhoria contínua das escolas: perceção de diferentes intervenientes educativos numa unidade de gestão

Questão Central: Quais são as consequências da avaliação externa para a melhoria contínua da escola?

A partir desta questão central, outras se colocam:

- Que efeitos são produzidos a nível organizacional?
- Que mudanças ocorrem a nível curricular e pedagógico?
- Quais os efeitos nos resultados académicos e sociais?
- Que consequências para a relação da escola com a comunidade?
- Que mudanças ocorrem na autoavaliação do agrupamento/escola não agrupada?
 - Há um conjunto de processos de melhoria que são seguidos?
 - Existe uma cultura de melhoria?

Objetivo geral: Determinar as consequências da avaliação externa para a melhoria sustentada numa ENAAE.

Objetivos específicos:

- Caracterizar o contexto atual da ENAAE;
- Inferir o grau de apropriação dos referenciais vindos de processos de avaliação externa e de acompanhamento externo da ação educativa;
 - Determinar os efeitos da avaliação externa na ENAAE a nível: organizacional, curricular e pedagógico, da relação da ENAAE com a comunidade, dos resultados académicos e sociais, da autoavaliação e do quadro de referência para a melhoria eficaz da escola, resultante dos trabalhos do projeto *ESI* (Reezigt & Creemers, 2005);
- Compreender quais as mudanças reais na ENAAE em consequência da avaliação externa.

Legitimação da entrevista:

Avaliação Externa das Escolas – Reflexão sobre o Nível de Satisfação e Efeitos na perspectiva dos Professores e das Lideranças – estudo de caso

- Exposição clara às/aos entrevistadas/entrevistados das questões de pesquisa e dos objetivos da investigação;
- Garantia do anonimato e confidencialidade dos dados;
- Solicitação de autorização para a gravação;
- Envio da transcrição do áudio às/aos entrevistadas/entrevistados para leitura e eventuais retificações.

QUESTÕES ORIENTADORAS	OBJETIVOS ESPECÍFICOS	FORMULÁRIO DE QUESTÕES
<p>A avaliação externa contribui para a melhoria sustentada da escola?</p>	<ul style="list-style-type: none"> • Obter a opinião das(os) entrevistadas(os) sobre os processos de AEE ocorridos. 	<p>1. Que leitura fazem dos processos de AEE ocorridos na escola?</p> <p>a) Como veem a importância da participação do diretor nos processos de AEE?</p> <p>b) Que apreciação fazem sobre a importância da participação dos elementos entrevistados, pelas equipas de AEE, nos diversos painéis?</p> <p>c) Qual foi o vosso envolvimento nos processos de AEE?</p> <p>d) No vosso entender, como foi realizada a apropriação, publicitação e debate dos relatórios das AEE?</p> <p>e) Como veem a identificação clara dos pontos fortes, das fragilidades, das oportunidades e dos constrangimentos presentes na escola?</p> <p>f) Qual a vossa opinião sobre a realidade da escola apresentada nos resultados das AEE?</p> <p>g) Os resultados das AEE realizadas foram considerados para a elaboração e implementação de estratégias de melhoria? Por exemplo, o que se fez ou não se fez relativamente a:</p> <p>g1) Melhoria dos resultados dos alunos;</p> <p>g2) Alunos com dificuldades de aprendizagem;</p> <p>g3) Alunos com necessidades educativas especiais; g4) Prevenção da desistência/abandono escolar; g5) Valorização das lideranças intermédias;</p> <p>g6) Eficácia na comunicação;</p> <p>g7) Desenvolvimento de projetos e parcerias; g8) Relação com os pais e EE;</p>

		<p>g9) Relação com a comunidade envolvente; g10) Relação com diretores de outras escolas; g11) Supervisão dos docentes;</p> <p>g12) Métodos de ensino; g13) Critérios de avaliação;</p> <p>g14) Outros tópicos que entendam referir.</p> <p>h) Como veem a colaboração entre os docentes na implementação das decisões tomadas a partir das avaliações externas realizadas?</p> <p>i) Que apreciação fazem sobre as melhorias introduzidas na escola que derivam da vossa participação nos processos de avaliação externa?</p> <p>j) Reflitam um pouco sobre os fatores que consideram mais inibidores ou mais potenciadores do impacto das AEE. Por exemplo, fatores como:</p> <p>j1) O envolvimento das pessoas nos processos; j2) As relações com as equipas de AEE;</p> <p>j3) A objetividade/subjetividade dos processos de AEE; j4) A articulação entre a avaliação interna/autoavaliação e a avaliação externa;</p> <p>j5) Outros que entendam mencionar. (continua na página seguinte)</p>
--	--	----------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------

QUESTÕES ORIENTADORAS	OBJETIVOS ESPECÍFICOS	FORMULÁRIO DE QUESTÕES
<p>A avaliação externa contribui para a melhoria sustentada da escola?</p>	<ul style="list-style-type: none"> • Recolher a opinião sobre os resultados obtidos na 2.^a AEE, partindo dos resultados alcançados na 1.^a AEE. • Obter a opinião sobre os resultados obtidos na 3.^a AEE, partindo dos resultados alcançados na 2.^a AEE. 	<p>(continuação da página anterior)</p> <ol style="list-style-type: none"> 2. Qual a vossa opinião sobre os resultados obtidos na 2.^a AEE, partindo dos resultados alcançados na 1.^a AEE? <ol style="list-style-type: none"> a) Que apreciação fazem sobre os resultados obtidos no domínio “Resultados”? b) Como veem os resultados obtidos no domínio “Prestação do serviço educativo”? c) Que apreciação fazem sobre os resultados obtidos no domínio “Liderança e gestão”? 3. Qual a vossa opinião sobre os resultados obtidos na 3.^a AEE, partindo dos resultados alcançados na 2.^a AEE? <ol style="list-style-type: none"> a) Que apreciação fazem sobre os resultados obtidos no domínio “Resultados”? b) Como veem os resultados obtidos no domínio “Prestação do serviço educativo”? c) Que apreciação fazem sobre os resultados obtidos no domínio “Liderança e gestão”? d) Que leitura fazem sobre os resultados obtidos no domínio “Autoavaliação”?

	<ul style="list-style-type: none">• Identificar as ideias das(os) entrevistadas(os) sobre a influência das AEE no percurso de melhoria da escola.	<p>4. Como veem a influência das AEE no percurso de melhoria da escola?</p> <p>a) Que mudanças foram produzidas, na sequência das AEE, ao nível organizacional da escola? Por exemplo, o que mudou ou não mudou a nível:</p> <p>a1) Da articulação entre os órgãos de direção, administração e gestão (conselho geral, diretor, conselho pedagógico e conselho administrativo);</p> <p>a2) Da articulação entre o diretor e equipa diretiva e as lideranças intermédias (ex.: coordenadores, delegados de grupo, diretores de turma, diretores de curso, entre outros);</p> <p>a3) Do empenho dos coordenadores e dos delegados de grupo;</p> <p>a4) Do desenvolvimento de estratégias inovadoras; a5) Da supervisão pedagógica e orientação educativa;</p> <p>a6) Da gestão dos recursos humanos (docentes e não docentes);</p> <p>a7) Das relações interpessoais, nomeadamente, existência ou não de um clima aberto e colegial que torne o pensamento profissional e a aprendizagem explícitos;</p> <p>a8) Da gestão dos recursos físicos e materiais;</p> <p>a9) Da formação de recursos humanos (docentes e não docentes);</p> <p>a10) Da avaliação do desempenho do diretor; a11) Da avaliação do desempenho docente;</p> <p>a12) Das remunerações e/ou bónus auferidos pelos professores;</p> <p>a13) Do orçamento da escola; a14) Outro(s) que queiram referir.</p> <p>(continua na página seguinte)</p>
--	-----------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------	------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------

QUESTÃO ORIENTADORA	OBJETIVOS ESPECÍFICOS	FORMULÁRIO DE QUESTÕES
<p>A avaliação externa contribui para a melhoria sustentada da escola?</p>	<ul style="list-style-type: none"> • Identificar as ideias das(os) entrevistadas(os) sobre a influência das AEE no percurso de melhoria da escola. 	<p>(continuação da página anterior)</p> <p>b) Como veem a influência das AEE a nível curricular e pedagógico, incluindo:</p> <p style="padding-left: 40px;">b1) Departamentos;</p> <p style="padding-left: 40px;">b2) Grupos disciplinares; b3) Planificação de aulas;</p> <p style="padding-left: 40px;">b4) Colaboração entre os docentes; b5) Materiais e recursos;</p> <p style="padding-left: 40px;">b6) Articulação e sequencialidade;</p> <p style="padding-left: 40px;">b7) Aferição dos critérios de avaliação; b8) Supervisão pedagógica;</p> <p style="padding-left: 40px;">b9) Estratégias na sala de aula para melhoria dos resultados académicos dos alunos;</p> <p style="padding-left: 40px;">b10) Apoio prestado aos professores para melhorarem as suas competências de ensino;</p> <p style="padding-left: 40px;">b11) Acompanhamento da prática letiva na sala de aula; b12) Outro(s) que entendam mencionar.</p> <p style="padding-left: 40px;">c) Que opinião têm sobre a influência das AEE nos resultados académicos e sociais dos alunos?</p> <p style="padding-left: 40px;">d) Na vossa opinião, qual a influência das AEE na participação dos pais e encarregados de educação no acompanhamento direto dos seus educandos?</p> <p style="padding-left: 40px;">e) E na participação dos pais e EE nas atividades da escola?</p> <p style="padding-left: 40px;">f) Como analisam a influência das AEE na relação da escola com a comunidade envolvente (autarquia, empresas, associações), por exemplo, ao nível:</p> <p style="padding-left: 40px;">f1) Das parcerias estabelecidas com vista à prossecução dos objetivos do projeto educativo;</p> <p style="padding-left: 40px;">f2) Da participação e contributo da escola para o desenvolvimento da comunidade;</p>

		<p>f3) Da valorização do papel da escola na educação e formação dos alunos;</p> <p>f4) De outros aspetos que entendam mencionar.</p> <p>g) Os modelos de AEE estão presentes na forma como o diretor reflete sobre a escola?</p> <p>h) Que apreciação fazem sobre a apropriação pela escola dos referenciais utilizados na AEE?</p> <p>i) Como apreciam a influência das AEE no processo de avaliação interna/autoavaliação da escola, nomeadamente a nível:</p> <p>i1) Da realização da avaliação interna/autoavaliação de um modo sistemático;</p> <p>i2) Da elaboração, pela equipa de avaliação interna/autoavaliação, de planos e outros documentos com ações de melhoria;</p> <p>i3) Da monitorização, pela equipa de avaliação interna/autoavaliação, da execução de ações de melhoria;</p> <p>i4) Da produção de outros efeitos, por parte da avaliação interna/autoavaliação, na autorregulação da escola;</p> <p>i5) Da mais-valia da equipa de avaliação interna/autoavaliação para a escola.</p> <p>(continua na página seguinte)</p>
--	--	---------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------

QUESTÃO ORIENTADORA	OBJETIVOS ESPECÍFICOS	FORMULÁRIO DE QUESTÕES
<p>A avaliação externa contribui para a melhoria sustentada da escola?</p>	<ul style="list-style-type: none"> • Identificar as ideias das(os) entrevistadas(os) sobre a influência das AEE no percurso de melhoria da escola. 	<p>(continuação da página anterior)</p> <ul style="list-style-type: none"> j) Como analisam a influência das AEE na avaliação das necessidades de melhoria (diagnóstico dos problemas a resolver)? k) E na definição de objetivos detalhados a partir do diagnóstico dos problemas a resolver? l) Que apreciação fazem sobre a influência das AEE na planificação das atividades de melhoria, por exemplo, no âmbito do plano de melhoria, do programa de acompanhamento da ação educativa e do plano de ação estratégico? m) E na implementação das atividades de melhoria? n) Como veem a influência das AEE na avaliação e reflexão sobre as atividades de melhoria implementadas? o) Que apreciação fazem sobre a influência das AEE na pressão interna para a melhoria? p) Como acham que as AEE influenciam a autonomia usada pelas escolas? q) Qual a vossa opinião sobre a influência das AEE na visão comum entre todos os membros da comunidade educativa? r) Como acham que as AEE influenciam na vontade para a escola ser uma organização aprendente? s) Como veem a influência das AEE na apropriação da melhoria, envolvimento e motivação?

Avaliação Externa das Escolas – Reflexão sobre o Nível de Satisfação e Efeitos na perspetiva dos Professores e das Lideranças – estudo de caso